Sociedade reage à ameaça golpista

Manifestos pedem frente ampla la e democracia

Gustavo Moreno - CB



"É insensatez a apologia perigosa à intervenção militar", afirma o general Maynard

O general Maynard Santa Rosa, ex-ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos do governo Bolsonaro, criticou na sexta-feira (29) a convocação, feita por grupos bolsonaristas, de atos nas portas de quartéis para o domingo (31). "É uma insensatez que está se tornando normal, uma apologia perigosa", critica o general Maynard. Ele diz que não existe a mínima chance de adesão dos aquartelados aos protestos. "Se insistirem nisso, o tiro poderá sair pela culatra. O estímulo à indisciplina pode forçar o Exército Brasileiro a sair da zona de conforto", afirma Santa Rosa. O que isso representaria na prática? "Talvez uma atitude de afastamento deliberado do governo", explica o general, em entrevista ao portal Página 3

Covas estende quarentena até 15 de junho na capital de SP

Sem estabelecimentos abertos, o processo de transição para a reabertura da economia anunciado pelo governo João Doria (PSDB) começou na segunda-feira (1o). Doria autorizou prefeituras de partes do interior e da capital a iniciarem o processo de reabertura de comércio, shoppings e serviços. No entanto, isso ainda depende de decretos municipais. Na capital paulista, o prefeito Bruno Covas (PSDB) estabeleceu que cada setor econômico precisa aprovar protocolos antes de reduzir a quarentena e flexibilizar a abertura do comércio. Para dar tempo para a apresentação dos protocolos, a Prefeitura prorrogou a quarentena até dia 15 de junho. Pág. 4





Unir a pátria, defender a democracia, resgatar identidade nacional

empresas, organizações e instituições brasileiras e fazemos parte da maioria que defendem a vida, a liberdade e a democracia", afirma o manifesto "estamos juntos", que já reúne mais de 200 mil assinaturas dos mais diferentes setores

omos "cidadãs, cidadãos, | lideranças partidárias, prefeitos, governadores, vereadores, deputados, senadores, procuradores e juízes assumam a responsabilidade de unir a pátria e resgatar nossa identidade como nação", segue o documento. Outro manifesto, assinado por mais de 670 juristas, denuncia "ação genocida de Bolsonaro" e da sociedade. "Clamamos que diz: "basta!".

Ato bolsonarista fracassa de novo e se divide entre Planalto e o S

e sexta-feira



Cada vez reunindo menos gente, Bolsonaro incorporou um número a cavalo para entreter os seus seguidores



Revolta anti-racismo:

Homenagem

Em Coral Gables, Fló rida, policiais se solidari: zaram com manifestantes que protestavam contra o brutal assassinato por asfixia do cidadão negro George Floyd se ajoelhando. O gesto tem se repetido em vários estados. P. 7

penumbra

Diante dos protestos Trump mandou apagar as luzes da Casa Branca.

Usando um helicóptero que, segundo os analistas, gasta muito combustível, e que custa muito caro, Bolsonaro deu mais uma voltinha no domingo (31) para constatar, de novo, que a manifestação de seus seguidores contra a democracia e contra os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) fracassou. As imagens, feitas do helicóptero presidencial, constatam que o número de pessoas que segue as insanidades de Bolsonaro está se reduzindo bastante. É sempre o mesmo grupo que se aglomera em frente ao Planalto ou na frente do STF. P. 3

Nilson: "Reter o investimento público será um desastre"

Para o economista Nilson Araújo de Souza, o governo "resiste a adotar medidas que, ao reforçar o investimento público, preparem a economia para seguir funcionando durante a crise e para retomar o crescimento no pós-pandemia". "Bolsonaro teve a chance de fazer isso quando o general Braga Netto apresentou o esboço de Plano Pró-Brasil, mas optou por dar ouvidos ao discurso escrachado" de Guedes, avaliou.

Recessão de Guedes golpeou o PIB antes do corona: -1,5% O Produto Interno Bruto

(PIB) do país despencou -1,5% nos primeiros três meses de 2020 sobre o trimestre anterior. O resultado revela que a economia estava duramente golpeada pela política recessiva de Guedes, quando começou a receber os primeiros reflexos econômicos da Página 2 pandemia.

Falador Weintraub ficou de boca calada diante da PF

PIB recua 1,5% no primeiro trimestre

O Produto Interno Bruto (PIB) do país, índice que mede todos os bens e serviços produzidos e serve de índice de crescimento econômico, despencou -1,5% nos primeiros três meses de 2020 sobre o trimestre anterior. O resultado oficial foi apresentado na sexta-feira (29) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e expressa as condições em que o país entrou na crise gerada pela pandemia do novo coronavírus.

O resultado também reflete os primeiros impactos da pandemia - colocando o Brasil em estado recessivo, com expectativas de que o tombo no segundo trimestre seja ainda maior: o estado de calamidade e a decisão de estados e municípios de fecharem os serviços não-essenciais e decretação da quarentena começou, na maior parte do país, na segunda quinzena de maio.

De acordo com o IBGE, a queda é a mais alta desde o segundo trimestre de 2015, fazendo com que o patamar atual do PIB tenha regredido aos níveis de 2012. Em valores correntes, o PIB no primeiro trimestre totalizou R\$ 1,803 trilhão. Essa queda dá sequência a resultados nada favoráveis de crescimento no último período. Em 2019, primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro, o PIB foi o pior dos últimos três anos, com crescimento de apenas 1,1%.

Queda por setores

A retração no primeiro trimestre teve forte impacto do setor de serviços, que recuou -1,6% no período. O segmento representa 74% do PIB. Apenas em março, a queda no volume de serviços prestados, de acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços também do IBGE, foi de 6.9%.

Já o PIB da indústria caiu -1,4% entre janeiro e março. A pesquisa mensal do IBGE identificou que o volume produzido, apenas em março, despencou -9,1%. Somente o PIB da agropecuária teve resultado de estabilidade no primeiro trimestre, com variação positiva de 0,6%.

"Aconteceu no Brasil o mesmo que ocorreu em outros países afetados pela pandemia, que foi o recuo nos serviços direcionados às famílias devido ao fechamento dos estabelecimentos. Bens duráveis, veículos, vestuário, salões de beleza, academia, alojamento, alimentação sofreram bastante com o isolamento social", destacou a a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

Resultados do Primeiro Trimestre: Serviços: -1,6%; Agropecuária: 0,6%; Indústria: -1,4%; Indústria extrativa: -3,2%; Construção civil: -2,4%; Consumo das famílias: -2%; Consumo do governo: 0,2%; Investimentos: 3,1%; Exportação: -0,9% e Importação: 2,8%.

O consumo das famílias desabou 2% no primeiro trimestre, resultado do impacto do fechamento dos estabelecimento e também do alto índice de desemprego e impossibilidade do contingente de trabalhadores informais conseguirem renda durante o período de quarentena. O auxilio emergencial de R\$ 600 aprovado pela Câmara dos Deputados começou a ser pago apenas em abril, com o último lote de beneficiados recebendo apenas nesta sexta-feira.

"Foi o maior recuo desde a crise de energia elétrica em 2001", destacou a pesquisadora do IBGE, acrescentando que o consumo das famílias pesa 65% do PIB. De acordo com o IBGE, o poder de compra foi gravemente e comeco de ano pelo desemprego. queda de renda, endividamento alto e incertezas provocadas pela pandemia.

"O PIB caiu 1,5%, puxado pelo consumo das famílias. Que a economia não estava decolando todo mundo já sabia e ainda foi muito afetada pela pandemia", comentou através do Twitter o economista Manoel Pires, da Fundação Getúlio Vargas. De acordo com Pires, o resultado será ainda pior sem a presença do estado no socorro de empresas e trabalhadores.

Os investimentos tiveram alta de 3.1% no primeiro trimestre, mas ainda manteve a taxa de investimento em relação ao PIB em 15,8% – bem abaixo do patamar de 21% atingido em 2013.

PRISCILA CASALE

Veja matéria completa em https://horadopovo.com.br/pandemia-derruba-o-ja-pequeno -pib-de-guedes/

Escreva para o HP horadopovo@horadopovo.com.br



HORA DO POVO é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto Rua José Getúlio,67, Cj. 21 Liberdade - CEP: 01509-001

E-mail: inc24agosto@uol.com.br C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto Redação: fone (11) 2307-4112

E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br E-mail: comercial@horadopovo.com.br E-mail: hp.comercial@uol.com.br

Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000 **Sucursais:**

Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3° andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679

E-mail: hprj@oi.com.br Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP

Fone-fax: (61) 3226-5834 <u>E-mail: hp.df@ig.com.br</u>

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480 E-mail: horadopovomg@uol.com.br Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004 Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603

E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

<u>E-mail: horadopovope@yahoo.com.br</u> Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande,

Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis www.horadopovo.com.br

'Reter recurso público e apostar no capital externo será um desastre'



Nilson: Bolsonaro preferiu ouvir a charlatanice de Guedes na fatídica reunião do dia 22 de abril quando foi apresentado o Plano Pró-Brasil pelo general Braga

Oreiro: economia exigirá forte atuação do Estado ao contrário do que diz Guedes

O economista José Luis Oreiro, em artigo publicado na Revista Política Democrática da Fundação Astrojildo Pereira, afirma que contida a pandemia do coronavírus a recuperação econômica "dependerá de forte atuação do Estado na forma de vultosos investimentos em infraestrutura".

"A existência de disputa entre a equipe econômica do governo, liderada por Paulo Guedes, e a ala militar, encabeçada por Braga Neto, tem sua origem no fato de que a agenda de Paulo Guedes – Privatização, Reformas Estruturais e Abertura Comercial – não tem apresentado os resultados prometidos em termos de aceleração do crescimento econômico", diz Oreiro no artigo que reproduzimos a seguir.

Plano Pró-Brasil: Um New Deal para a economia brasileira?

Por José Luis Oreiro

No final de abril, o ministro Chefe da Casa Civil, General Braga Neto, anunciou a intenção de realizar um grande pacote de investimentos em obras de infraestrutura até 2031, no valor de R\$ 280 bilhões, dos quais R\$ 30 bilhões sairiam dos cofres públicos e os restantes R\$ 250 bilhões seriam obtidos por intermédio de concessões à iniciativa privada. Na coletiva de imprensa na qual o anúncio foi feito, notaram-se duas ausências. A primeira foi o detalhamento dos projetos que fariam parte do assim denominado "Plano Pró-Brasil". Na verdade, a apresentação de Braga Neto se resumiu a sete lâminas de power point, em que absolutamente nada de substantivo foi apresentado. A segunda ausência foi a do ministro da Economia Paulo Guedes, quem, em tese, deveria encabeçar esse tipo de iniciativa.

Comentários de bastidores que circulam livremente em Brasília mostram a existência de disputa entre a equipe econômica do governo, liderada por Paulo Guedes, e a ala militar, encabeçada por Braga Neto. Essa disputa tem sua origem no fato de que a agenda de Paulo Guedes - Privatização, Reformas Estruturais e Abertura Comercial – não tem apresentado os resultados prometidos em termos de aceleração do crescimento econômico. Com efeito, apesar da aprovação de uma reforma da previdência muito mais profunda do que a pensada durante o governo Temer, o primeiro ano do governo Bolsonaro conseguiu a proeza de apresentar taxa de crescimento de apenas 1,1%, inferior à média obtida no governo Temer (1,2% entre 2017 e 2018) e muito abaixo da tendência de longo prazo de 2,81% a.a para o período 1980-2014.

Em segundo lugar, a equipe econômica do governo mostrou, nas primeiras semanas da crise do corona vírus, enorme dissonância cognitiva, recusando-se a tomar as medidas necessárias para atenuar os efeitos econômicos das medidas de distanciamento social; sendo assim atropelada por iniciativas que partiram do Congresso Nacional, como, por exemplo, o programa de renda emergencial. Esse comportamento contrastava com as medidas adotadas de forma célere pelos governos dos países desenvolvidos, os quais destinaram valores que somavam 20% do PIB (por exemplo, no caso da Espanha), para atenuar a queda abrupta do nível de atividade econômica.

Entre os economistas das mais diversas tendências de pensamento, formou-se um consenso de que a pandemia atualmente em curso deverá produzir a maior queda do nível de atividade econômica na história do capitalismo, superando em intensidade a Grande Depressão de 1929. Uma vez contida a pandemia e suspensas as medidas de distanciamento social, a recuperação econômica será extremamente lenta e dependerá, tal como na década de 1930, de forte atuação do Estado na forma de vultosos investimentos em infraestrutura. No caso dos países europeus, abre-se uma janela de oportunidade para realizar mudança estrutural importante, qual seja: a descarbonização da economia, com vistas à redução da emissão de CO2 na atmosfera, de maneira a conter o fenômeno do aquecimento global, ameaça de longo prazo à sobrevivência da própria humanidade. O volume de investimentos necessários para essa mudança estrutural é gigantesco, constituindo-se, portanto, no vetor de demanda necessário para a recuperação das economias europeias no pós-pandemia.

O Brasil também terá de recorrer ao investimento público para se recuperar dos efeitos da crise atual. O ritmo anêmico de crescimento da economia brasileira anterior à pandemia já era prova cabal de que, sem aumento significativo do investimento público em infraestrutura, não é possível obter aceleração consistente do crescimento. A história brasileira mostra de forma muito clara que, no período de crescimento acelerado, entre as décadas de 1930 a 1980, o investimento público, direto ou por intermédio de empresas estatais, teve papel fundamental. No período pós-pandemia, os níveis elevados de desemprego e de ociosidade da capacidade produtiva vão inviabilizar qualquer retomada da atividade liderada pela demanda do setor privado.

Também é pouco provável que, dada a demanda por financiamento nos países europeus, os investidores internacionais se mostrem dispostos a financiar volume grande de projetos em infraestrutura no Brasil. A retomada do crescimento irá exigir um New Deal para a economia brasileira. O problema é que os militares não têm, ainda, a mais remota ideia de como fazer isso.

***José Luis Oreiro** é professor Associado do Departamento de Economia da Universidade de Brasília e Pesquisador Nível IB do CNPq. E-mail: joreiro@unb.br. Página pessoal: www. ioseluisoreiro.com.br.

"O governo claudica e resiste a adotar medidas que, ao reforçar o investimento público, preparem a economía para seguir funcionando durante a crise e para retomar o crescimento no pós-pandemia", afirma o economista Nilson Araújo de Souza

HP, afirma que "o governo claudica e resiste a adotar medidas que, ao reforçar o investimento público, preparem a economia para seguir funcionando durante a crise e para retomar o crescimento no

pós-pandemia' Segundo Nilson, Bolsonaro teve a chance de $\underline{\underline{f}} azer\, isso\, ``quando\, o\, general$ Braga Netto apresentou o esboço de Plano Pró-Brasil, mas optou por dar ouvidos ao discurso escrachado desse cidadão que ocupa o Ministério da Economia para servir aos interesses estrangeiros e que, inclusive, com sua charlatanice e ironias durante a fatídica reunião de 22 de abril, desrespeitou os militares no governo".

'Dizer, como faz Guedes, que não tem dinheiro, que dinheiro não cai do céu, não passa de uma mentira deslavada. Só no caixa único do Tesouro existe R\$ 1,350 trilhão, que pode ser destravado com decisão já tomada no STF e a aprovação pelo Congresso da lei de calamidade pública", afirma o professor.

HORA DO POVO: Guedes disse, ao responder ao ministro Rogério Marinho, na reunião ministerial do dia 22 de abril, que o país quebrou e que só o capital privado estrangeiro pode tirar o Brasil da crise. Qual sua opinião sobre isso?

NILSON ARAÚJO DE SOUZA: Apesar das políticas econômicas irresponsáveis e submissas aos interesses externos que vêm sendo praticadas no país, agravadas pela pandemia que assola o mundo, e que levaram à maior, mais ampla, mais profunda e mais prolongada crise da nossa história, o Brasil não está quebrado. Temos recursos naturais, capacidade produtiva, capacidade de abalho, capacidade tecnológica e recursos financeiros mais do que suficientes para sairmos dessa enrascada e retomar o caminho do desenvolvimento que trilhamos de 1930 a 1980, quando fomos a economia que mais cresceu no mundo capitalista. Poucos países no mundo contam com essas condições.

E não vai ser o capital estrangeiro que nos ajudará a retomar essa trajetória. Primeiro porque, em lugar de atender aos desejos do filo-pinochetista Paulo Guedes e realizar a invasão do país, ele está se retraindo. O chamado investimento em carteira, que, na verdade, é o apelido do capital puramente especulativo e que se aplica no mercado financeiro (sobretudo bolsas de valores e títulos do governo), está indo embora em grande quantidade. Saíram das bolsas US\$ 44,5 bilhões no ano passado e, neste ano, já se evadiram US\$ 65,5 bilhões até 26 de abril. E quanto ao investimento direto estrangeiro, que, na verdade, não é investimento efetivo, aumento de capacidade produtiva, mas apenas aquisição de empresas brasileiras? Diminuiu violentamente seu ingresso no país. A previsão, baseada no andar da carruagem até agora, é que haja um tombo de 40% neste ano em relação ao ano passado.

HP: E por que o capital estrangeiro está se retrain-

NILSON ARAÚJO DE SOUZA: Destaquei, em entrevistas anteriores ao HP, que essa retração do capital estrangeiro se deve à crise que atravessa o país, já que não costuma arriscar seu rico dinheirinho em economias que estão paralisadas. Deve-se também ao comportamento das transações correntes do

economista Nilson | balanço de pagamento, que, | e na Ásia e implantaram Araújo de Souza, | no ano passado, foram ne-em entrevista ao | gativas em US 50,7 bilhões. | de Estado. Isso diminui as chances de retorno do capital e de seus rendimentos (juros, lucros) à sua origem. Por fim, mas não menos importante, à insegurança diante do governo tresloucado do fascista Bolsonaro. Não é que os donos do capital estrangeiro não concordem com a combinação entre uma política econômica ultraneoliberal (que pretende vender até a Casa da Moeda) e uma política autoritária que ameaça a cada momento golpear as instituições democráticas e implantar uma ditadura no país. E que não acreditam que, aventureiros e irresponsáveis como são, sejam capazes de entregar o ouro prometido ao bandido.

> **HP** - Mas, supondo que viesse, conforme prometido por Guedes, o capital estrangeiro poderia nos tirar da crise?

> > NILSON ARAÚJO DE

SOUZA: Não há lugar do

mundo cujo desenvolvi-

mento tenha dependido do capital estrangeiro. Como dizia Barbosa Lima Sobrinho, o capital se faz em casa. O capital estrangeiro, ao contrário, mais carrega, sob as formas de lucros, juros e royalties, intercâmbio desigual, do que traz sob as mais distintas modalidades. Foi exatamente a invasão do capital estrangeiro durante a ditadura de 1964 que atropelou o processo de desenvolvimento que vinha desde 1930 e provocou uma estagnação econômica que teve início em 1981, com a chamada crise da dívida, e persiste até hoje. Além disso, se pudesse e quisesse nos tirar da crise, já nos teria tirado porque a economia brasileira já está entupida de capital estrangeiro; está saindo pelo ladrão. E, quando vem, não é para investimento produtivo, que aumenta a capacidade produtiva e gera crescimento da economia. Vem para especular no mercado financeiro e para comprar, na bacia das almas, empresas brasileiras, sejam estatais ou privadas. E o lucro, que antes ficava para ser investido aqui, é drenado para o exterior. As famosas transferências internacionais, como dizia o Brizola velho de guerra.

HP: Vários economistas, inclusive neoliberais, como manifestou Marinho, por exemplo, defendem aumen to dos investimentos públicos para enfrentar a crise. Como avalia essa discussão?

NILSON ARAÚJO DE SOUZA: Isso está ocorrendo no mundo inteiro. Todos os países que se industrializaram e se desenvolveram usaram o Estado como alavanca do desenvolvimento. Desde a origem dos Estados nacionais na transição do feudalismo para o capitalismo, na fase mercantilista o Estado agiu protegendo a indústria nascente da concorrência predatória de grupos estrangeiros, promovendo o investimento público e garantindo financiamento público e compras governamentais para as empresas nacionais.

Esse movimento foi fortalecido depois da grande crise estrutural de 1914 a 1945, com duas guerras mundiais, mediadas pela Grande Depressão. O mundo inteiro experimentou um prolongado e intenso processo de desenvolvimento no pós-guerra devido sobretudo, à ação do Estado na economia. Isso ocorreu nos países socialistas, particularmente na União Soviética, nos países capitalistas desenvolvidos por meio do welfare state, em vários países subdesenvolvidos que se industrializaram (sobretudo na América Latina) e nos países que nasceram com a descolonização na Africa

Mas, como resposta à nova crise estrutural, nascida nos EUA no começo dos anos 1970, renasceu o neoliberalismo por meio do famigerado Consenso de Washington que pregava exatamente o contrário - a saída do Estado da economia – com a cantilena de que a concorrência do mercado modernizaria a economia e a tiraria da crise. Na verdade, a saída do Estado da economia não possibilita concorrência alguma, neste mundo em que predominam os monopólios privados. Além disso, o resultado foi reforçar mais ainda os mecanismos que deflagraram a crise e mantiveram a economia mundial capitalista estagnada, intermediada por várias recessões, até os dias de hoje.

Mas, neste momento de pandemia, com o agravamento espetacular da crise mundial (só nos EUA, 36 milhões de trabalhadores perderam o emprego nas primeiras oito semanas), o Estado, que, na maioria dos países, já havia entrando em cena na crise retomada em 2007 para salvar os monopólios deles mesmos, agora, além disso, dada a gravidade da crise, está apoiando fortemente a economia real e colocando dinheiro nas mãos da população.

HP: E aqui no Brasil como está essa questão do investimento público?

NILSON ARAÚJO DE SOUZA: Aqui, no Brasil, o governo claudica e resiste a adotar medidas que, ao reforçar o investimento público, preparem a economia para seguir funcionando durante a crise e para retomar o crescimento no pós-pandemia. Ele teve a chance de fazer isso quando o general Braga Neto apresentou o esboço de Plano Pró-Brasil, mas optou por dar ouvidos escrachado desse cidadão que ocupa o ministério da Economia para servir aos interesses estrangeiros e que, inclusive, com sua charlatanice e ironias durante a fatídica reunião de 22 de abril, desrespeitou os militares no governo.

Dizer, como faz Guedes, que não tem dinheiro, que dinheiro não cai do céu, não passa de uma mentira deslavada. Só no caixa único do Tesouro existe R\$ 1,350 trilhão, que pode ser destravado com decisão já tomada no STF e a aprovação pelo Congresso da lei de calamidade pública. Além disso, já vimos demonstrando há bastante tempo que, em momentos de crise, quando a economia opera com capacidade ociosa, o governo pode financiar seus investimentos e demais gastos com emissão monetária. O mundo inteiro já fez isso no passado e está fazendo novamente agora. Até os EUA de Trump.

Alegam os neoliberais que isso aumenta a demanda e joga os preços para cima, alimentando a inflação, mas, na verdade, estimula o aumento da produção usando capacidade ociosa. Sem falar que estamos tendo deflação. Aqui, no Brasil, quem emite moeda é o Banco Central, mas quem realiza o gasto público é o Tesouro. Mas isso é facilmente solucionável: o Banco Central pode emitir moeda e comprar títulos do Tesouro, a juro nominal zero. E como se fosse uma dívida do marido com a mulher: fica tudo em casa. Teria que editar uma PEC para isso.

E, para completar, ainda poderia ser feita uma reforma tributária progressiva que taxe mais fortemente os mais ricos e que taxe as grandes fortunas, a distribuição de dividendos e as remessas para o exterior de juros e lucros.



General Maynard Santa Rosa

"É uma insensatez a apologia perigosa à intervenção militar" diz general Maynard

"Se insistirem nisso, o tiro poderá sair pela culatra", alertou o militar

O general Maynard Santa Rosa, ex-ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos do governo Bolsonaro, criticou nesta sexta-feira (29), ao site UOL, a convocação, feita por grupos bolsonaristas, de atos nas portas de quartéis no próximo domingo (31).

"É uma insensatez que está se tornando normal, uma apologia perigosa", critica o general Maynard. Ele diz que não existe a mínima chance de adesão dos aquartelados aos protestos.

"Se insistirem nisso, o tiro poderá sair pela culatra. O estímulo à indisciplina pode forçar o Exército Brasileiro a sair da zona de conforto" afirma Santa Rosa. O que isso representaria na prática? "Talvez uma atitude de afastamento deliberado do governo", explica.

O deputado General Petterneli (PSL-SP), que foi o coordenador de várias candidaturas de militares no partido, acha que o momento é de se voltar para outras prioridades. "O país precisa pensar em superar o coronavírus e retomar o crescimento", opina ele. "Precisamos de serenidade e união".

Organizadores das manifestações contra a democracia mudaram de tática e estão convocando os atos para as portas dos quartéis.

O convite circula em grupos de WhatsApp bolsonaristas, com endereço e fotos de cada quartel, além do texto: "Apoio ao Presidente Bolsonaro e as FFAA. Fora Congresso Nacional e STF. Diga não ao comunismo. Compareça na frente do quartel".

Estão marcadas manifestações desse tipo para o próximo domingo e para o seguinte. "O que os quartéis têm a ver com essas pautas?", questionou outro general.

Doria decide separar atos pró-democracia e pró-Bolsonaro em SP em dias e locais diferentes

Pelo contrário, enfra-quece e justifica lamen-

tavelmente o discurso

autoritário daqueles que

itadura no Brasil e

desejariam justificar

por confrontos públicos

em ruas e praças e ave-

nidas a necessidade de

intervenção militar. A

resposta de São Paulo é

crise de saúde do século,

a mais grave crise so-

cial, a mais grave crise

econômica e. agora, a

maior agressão à demo-

cracia desde a ditadura

em 1964. Chega! O Brasil

não pode suportar cir-

cunstâncias como esta

no momento em que te-

mos que, todos, estarmos

unidos para combater o

vírus. Não faz sentido va-

lorizar e apoiar nenhuma

reflexão para os que

estão nos assistindo ou

ouvindo, lendo e acom-

panhando. Qual é o sen-

tido de um presidente da República desfilar à

cavalo em meio a trinta

mil mortos pelo corona-

vírus? Qual é o sentido?

Qual é a razão? O que

ampara um ato desta

natureza em meio a uma

pandemia com mais de

500 mil brasileiros ado-

entados, milhares que já

perderam as suas vidas?

seia à cavalo enquanto

a pandemia galopa. Bol-

sonaro passeja à cavalo e

a crise econômica segue

sem rédea. Volto aqui,

como governador dé

São Paulo a fazer um

apelo ao presidente da

República para que ele

assuma seu verdadeiro e

real papel de Presidente

da República do Brasil.

presidente, o povo saberá

compreender e respeitará.

Enquanto o senhor tiver

gestos divisionistas, uti-

lizando redes sociais ou

outros mecanismos para

hostilizar os brasileiros

que não lhe apoiam, a

dificuldade de vencer a

pandemia e salvar vidas

será ainda maior.

"Se tiver gestos de paz,

"O presidente pas-

E deixo aqui uma

medida autoritária.

"Nós já vivemos a pior

não. Aqui não!

da democracia. Aqui começaram os atos pela Diretas Já. Aqui se preserva a democracia. Por isso, estou em acordo | pretendem retomar a com a Prefeitura de São Paulo para que não tenhamos mais duas manifestações no mesmo local. horário e dia" afirmou na segunda--feira (1) o governador de São Paulo, João Doria (PSDB).

O governo de São Paulo proibirá que manifestações antagônicas acontecam no mesmo dia e local na cidade de São Paulo. O anúncio foi feito nesta segunda-feira (01) após atos realizados neste domingo terem terminado em confusão e sido dispersados pela polícia com bombas de gás lacrimogênio. "Não vamos permitir esse tipo de confronto", assinalou Doria.

A seguir trechos da fala do governador.

"Sobre os acontecimentos na Avenida Paulista ontem. domingo. Todos têm direito a se manifestar mas ninguém tem direito a agredir.

"A partir de agora não teremos mais duas manifestações no mesmo local, no mesmo horário, no mesmo dia.

"Gracas à intervenção da Polícia Militar ontem (domingo) na Avenida Paulista evitamos uma situação de confronto que poderia trazer resultados gravíssimos de pessoas feridas de parte a parte.

'Por isso a decisão de orientar os grupos pró-governo Bolsonaro e os grupos pró-democracia para que utilizem dias distintos para suas manifestações e facam com liberdade plena e, obviamente, com acompanhamento e proteção da Polícia Militar do estado de São Paulo. A orientação é para que possam fazê--lo aos finais de semana, repito, em dias distintos e jamais no mesmo dia. no mesmo horário e no mesmo local.

"O confronto não

Sociedade se ergue contra o golpismo e pela democracia



Comício das Diretas Já!: Frente democrática derrotou a ditadura

Ato bolsonarista em Brasília é novo fiasco

Usando um helicóptero ram pela Esplanada dos Minisque, segundo os analistas, térios, a maioria de carro, em gasta muito combustível, e que custa muito caro, Bolsonaro deu mais uma voltinha neste domingo (31) para constatar, de novo, que a manifestação de seus seguidores contra a democracia e contra os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) fracassou.

As imagens, feitas do helicóptero presidencial, constatam que o número de pessoas que segue as insanidades de Bolsonaro é muito pequena.

E sempre o mesmo grupo que se aglomera em frente ao Planalto, confirmando o que as pesquisas vêm mostrando, ou seja, uma queda de apoio geral a Bolsonaro e a manutenção de um número reduzido de seguidores fiéis.

Desta vez uma parte foi para a frente do STF xingar o ministro Alexandre de Moraes. O protesto tinha faixas com pedidos de fecha-mento do Supremo Tribunal Federal, do Congresso e de intervenção militar

intervenção militar.
Os manifestantes desce- ram várias vezes.

térios, a maioria de carro, em direção à Praça dos Três Poderes, onde estão localizados o Congresso, o Palácio do Planalto (sede do poder Executivo), e o prédio do STF. Alguns deles optaram por se concentrar em outro ponto, no STF.

Bolsonaro voltou a caminhar diante de seus seguidores e, numa atitude que lembrou o comportamento do general Newton Cruz, outro sociopata destemperado, cavalgou pela avenida em frente ao Palácio do Planalto.

Na noite anterior, bolsonaristas organizados no grupo fascista chamado "300 do Brasil", que foi chamado de milícia armada por procuradores, imitaram os nazistas e fizeram uma manifestação macabra em frente ao STF segurando tochas e gritando slogans ao estilo Goebbels. "Viemos cobrar, o STF não vai nos calar. Careca tocado, Alexandre descarado. Ministro, covarde, queremos liberdade. Inconstitucional, Alexandre imoral", repeti-

nazistas foi feita depois que Hitler chegou ao poder na Alemanha. Aqui eles não seguiram a mesma seguência porque lá eles fizeram a marcha das tochas primeiro e depois a queima dos livros. Aqui, começaram "queimar' livros em governos bolsonaristas como o de Rondônia.

Uma das integrantes da milícia armada, Sara Winter, voltou a ameaçar o ministro do STF, depois de ter tido uma operação de busca e apreensão em seu endereço. "A gente vai infernizar a tua vida. A gente vai descobrir os lugares que você frequenta. A gente vai descobrir as empregadas domésticas que trabalham pro senhor. A gente vai descobrir tudo da sua vida. Até o senhor pedir pra sair. Hoje, o senhor tomou a pior decisão da vida do senhor", ameaça a investigada.

Veja matéria completa com mais fotos: https://horadopovo.com.br/ato-bolsonarista-fracassa-de-novo--e-ainda-se-divide-entre-o--planalto-e-o-stf/

Bolsonaro é um atentado à vida, à saúde, à liberdade e à soberania do país, denunciam mais de 6 mil personalidades, artistas, lideranças políticas e 670 juristas

√resce na sociedade | mente. Agride de todas as brasileira o clamor pela unidade de amplos segmentos políticos, sociais e econômicos em defesa da democracia. Manifestos de personalidades, lideranças políticas, empresários, artistas, intelectuais, cientistas, juristas, etc, com milhares de assinaturas e apoiadores em todo o país, denunciam as ameaças do governo Bolsonaro às instituições democráticas e conclamam à luta contra o arbítrio.

"Como aconteceu no movimento Diretas Já, é hora de deixar de lado velhas disputas em busca de bem comum. Esquerda, centro e direita unidos para defender a lei, a ordem, a política, a ética, as famílias, o voto, a ciência, a verdade, o respeito e a valorização da diversidade, a liberdade de imprensa, a importância da arte, a preservação do meio ambiente e a responsabili-dade na economia", afirma o manifesto "Juntos", que já tem mais de 200 mil assinaturas.

"Defendemos uma administração pública reverente à Constituição, audaz no combate à corrupção e à desigualdade, verdadeiramente comprometida com a educação, a segurança e a saúde da população. Defendemos um país mais desenvolvido, mais feliz e mais justo. Com ideias e opiniões diferentes, comungamos os mesmos princípios éticos e democráticos. Queremos combater o ódio e a apatia com afeto, informação, união e esperança", pros-seguem os signatários do documento. "Vamos iuntos sonhar e fazer um Brasil que nos traga de volta a alegria e o orgulho de ser brasileiro", conclamam os manifestantes.

BASTA!

O manifesto dos juristas vai na mesma direção e também denuncia as agressões de Bolsonaro às instituições democráticas, particularmente ao Poder Judiciário. Com a adesão de seiscentos juristas, o manifesto exige um Basta! "O Brasil, suas instituições, seu povo não podem continuar a ser agredidos por alguém que, ungido democraticamente ao cargo de presidente da República, exerce o nobre mandato que lhe foi conferido para arruinar com os alicerces de nosso sistema democrático, atentando, a um só tempo, contra os Poderes Legislativo e Judiciário, contra o Estado de Direito, contra a saúde dos brasileiros, agindo despudoradamente, à luz do dia, incapaz de demonstrar qualquer espírito cívico ou de compaixão para com o sofrimento de tantos"

afirmam. "A Constituição Federal diz expressamente que são crimes de responsabilidade os atos do presidente da República que atentem contra o livre exercício do Poder Legislativo, do Poder Judiciário, do Ministério Público e dos Poderes constitucionais das unidades da Federação e contra o cumprimento das leis e das decisões judiciais (artigo 85, incisos II e VII)", prosseguem os

Federação, empenhados todos em salvar vidas. Descumpre leis e decisões judiciais diuturnamente porque, afinal, se intitula a própria Constituição. O país é jogado ao precipício de uma crise política quando já imerso no abismo de uma pandemia que encontra no Brasil seu ambiente mais favorável, mercê de uma ação genocida do presidente da República". "Nós profissionais do

formas os Poderes constitucionais das unidades da

direito, dos mais diferentes matizes políticos e ideológicos, os que vivem a primavera de suas carreiras, os que chegam ao outono de suas vidas profissionais, todos nós temos em comum a crença de que viver sob a égide do Direito é uma conquista civilizatória. Todos nós temosa firme convicção de que o Direito só tem sentido quando for promotor da justiça. Todos nós acreditamos que é preciso dar um BAŜTA a esta noite de terror com que se está pretendendo cobrir este país", advertem. "Não nos omitiremos. E temos a certeza de que os Poderes da República não se ausentarão", concluem.

Também um outro grupo, com centenas de apoiadores entre artistas e intelectuais, divulgou o manifesto "Pela Unidade Antifascista", assinada por Luiz Eduardo Soares - Antropólogo, Silvio Tendler - Cineasta, Flora Sussekind - Ensaísta e crítica literária, Eric Nepomuceno - Escritor, Isabel Lustosa - Historiadora e cientista política, Chico Buarque - Compositor e escritor, Carol Proner - Jurista, Celso Amorim -Diplomata e ex-ministro de Relações Exteriores e da Defesa

Miriam Krenzinger -Professora da UFRJ, Luiz F. Taranto – Jornalista, Boaventura de Sousa Santos - Professor e sociólogo, Tereza Cruvinel – Jornalista e muitos outros.

'Quem valoriza e defende o Estado Democrático de Direito acompanha, a cada dia, a maneira como o país vai sendo empurrado para o abismo, com ameaças seguidas de golpe por parte de Bolsonaro. O que nos resta de democracia e de respeito constitucional está se esvaindo de forma veloz enquanto o fascismo avança" observam os signatários do manifesto.

"Agora, diante da dupla catástrofe – a pandemia e Bolsonaro – e das eleições municipais, não podemos pensar e agir como antes. Não será outra eleição dentro da normalidade democrática. Por isso mesmo, é imperioso que cada um de nós adie seus legítimos projetos próprios e se abra, desarmado, para uma grande concertação de todas as forças antifascistas, as quais, vale enfatizar, não se esgotam nas esquerdas. Não é hora de fazer cálculos para 2022, simplesmente porque as eleições de 2022 estão em risco, como as vidas de todos e todas nós pela ameaça de um golpe", advertem.

"E urgente que cada um de nós reconheça a magnitude do desafio e trabalhe em todos os níveis, em todas as instâncias, para a formação de uma ampla frente antifascista", conclamam os autores do

"Tão loucos mas, ainda bem, tão poucos, diz Sergio Moro sobre o ato bolsonarista

O ex-ministro da Justiça, Sergio Moro, comentou no Twitter sobre o ato bolsonarista contra o STE

No sábado (30), bolsonaristas imitaram os nazistas e o grupo racista e extrema--direita dos EUA, a Ku Klux Klan (KKK), e fizeram uma manifestação macabra em frente ao STF segurando tochas e gritando slogans ao estilo Goebbels contra a Corte e os ministros.

"Tão loucos mas, ainda bem, tão poucos", escreveu Moro em seu Twitter.

"O único inverno chegando é o das quatro estações" completou, numa referência a Sara Winter (inverno, em inglês), uma das líderes da gangue chamada "300 do Brasil", que montou, semanas atrás, acampamento na porta do STF e depois foi desalojada

(31), em Brasília, eles volpedir golpe contra a democracia.

outro espalhado na Praça dos Três Poderes.

As faixas diziam: "Fechem o STF", "Marcha pela Família, com Deus pela liberdade", | Camilo Santana (PT), tam-

num arremedo das manifestações pré-golpe de 64. Bolsonaro circulou de he-

licóptero e acenou para seus fas. Antes, pateticamente, andou a cavalo na frente de seus seguidores.

Não se sabe o que ele quis insinuar.

Ou se apenas seguiu algum dos seus ídolos:

A colunista do Estadão,

Vera Magalhães, observou sobre a manifestação e a participação de Bolsonaro: O presidente está fora

de si. O país enfrenta uma pandemia, quase 30 mil já morreram. Ele passa o fim de semana brincando de rei do gado".

Para o governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), as manifestações bolsonaristas contra o STF, o Congresso e a democracia são

salvar vidas e, também, o Brasil da ameaça de retrocessos". escreveu na rede social.

O governador do Ceará,

bém criticou os atos de Bolsonaro e seus seguidores iustamente num momento crítico da crise do coronavírus.

"Grupos que pregam a intolerância e o ódio tentam avançar no Brasil. Defendem o fechamento de instituições democráticas e a volta da ditadura. Agem de forma repugnante diante de uma pandemia com trinta mil mortos. Para eles, o caos será sempre o melhor cenário. Resistiremos sempre!", destacou o governador cearense.

O senador Álvaro Dias (PR), líder do Podemos no Senado, condenou a macabra marcha do sábado dos bolsonaristas contra o STF. 'Marcha da insensatez, da intolerância, da ignorância e da estupidez. O Brasil quer avancar na paz e na democracia", assinalou o senador.

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) também anotou no Twitter sobre o ato de sábado: "A KKK brasileira. Já deveriam estar puxando uma boa cadeia, aprendendo o que é bom pra tosse. Mas estão livres para formar uma milícia fascista e ainda protestar" contra a ordem democrática".

Leia a matéria completa no HP: https://horadopovo. com.br/tao-loucos-mas-ainda--bem-tao-poucos-diz-moro--sobre-o-ato-bolsonarista/

O "falador" Weintraub ficou de boca fechada diante dos Federais

pretendia o Palácio do Planalto com o Habeas Corpus impetrado pelo ministro da Justiça, o boquirroto ministro da Educação, Abraham Weintraub, prestou depoimento nesta sexta-feira (29) para explicar declarações contra o Supremo Tribunal Federal (STF) feitas em uma reunião

deia, começando no STF", disse Weintraub.

O ministro da Corte, Alexandre de Moraes, viu indícios de prática de delitos como difamação. injúria e crime contra a segurança nacional e havia dado cinco dias para que ele prestasse depoimento à Polícia Federal no âmbito do inquérito que investiga ministerial. "Botava esses | as fake news. Weintraub | rais/.

de investigado.

Durante o interrogatório, ele não respondeu a perguntas. Disse que desejava fazer uso do direito constitucional de permanecer calado.

gra no HP: https://horadopovo.com.br/o-falador--weintraub-ficou-de-boca--fechada-diante-dos-fede-

Ao contrário do que | vagabundos todos na ca- | compareceu na condição

Veja a matéria na ínte-

"Pois bem, o presidente da República faz de sua rotina um recorrente ataque aos Poderes da República, afronta-os sistematica- manifesto.

de lá pela polícia do DF. inadmissíveis e só dificultam Na manhã deste domingo o combate à pandemia no taram a atacar o Supremo "O ataque a instituições Tribunal Federal (STF) e a democráticas é inaceitável. E o acirramento do ambiente só dificulta a superação da pandemia. O governo federal No ato desta manhã, os deveria mobilizar pessoas a bolsonaristas se dividiram favor de uma nação solidária em dois grupos arruaceiros: um foi para frente do STF e o e humana. Nossa luta é para

'Uso da Inteligência Epidemiológica é crucial', defendem pesquisadores

"Conhecendo os ambientes de maior contaminação pela Covid-19. é possível definir protocolos efetivos e adaptados a cada contexto", dizem os especialistas que atuam no combate à doença no Distrito Federal

studo feito por pesquisadores da UnB, reunidos no Boletim Covid-19 DF, na sua segunda edição, recomenda complementar as medidas de distanciamento casial medidas de distanciamento acaial amplementa complementa as medidas de distanciamento acaial amplemento. medidas de distanciamento social e orientações sanitárias com métodos de vigilância que permitam uma maior compreensão de como se comportam as pessoas infectadas para o conhecimento dos mecanismos de disseminação da pandemia do novo coronavírus.

Reportagem da revista Metrópoles com os autores da pesquisa chama a atenção para a necessidade de mudanças de estratégia de enfrentamento da pandemia. O momento é de caminhar do isolamento geral para a "inteligência epidemiológica", argumentam os autores do estudo.

ENTREVISTAS E BUSCA ATIVA

Isso pode ser feito, segundo o trabalho, "entrevistando-se os contaminados recentes para identificar os possíveis locais de contaminação'

"Por exemplo, quantos fazem uso de transporte coletivo? Onde (trabalho, feira, casa de familiar, etc.) estiveram no intervalo provável de infecção? O próprio infectado pode ter sugestão de onde contraiu a doença. Conhecendo os ambientes de maior contaminação, é possível definir protocolos mais efetivos e adaptados a cada contexto", argumentam os pesquisadores.

O documento visa subsidiar o poder público em suas ações de combate à pandemia.

Roberto Bittencourt, doutor em Saúde Pública e professor do Programa de Pós Graduação da Escola Superior em Ciências da Saúde do Distrito Federal, que também assina o estudo, afirmou, em entrevista ao HP, que considera que "as ações de Inteligência Epidemiológica devem ser implantadas imediatamente para se evitar um longo e arrastado período de surtos do Coronavírus, tanto nas capitais como no inte-

EVITAR O PROLONGAMENTO DA PANDEMIA

"Na medida em que o isolamento social vai sendo substituído gradativamente por medidas de flexibilização, novos contingentes de pessoas sem imunidade vão se contactando com pessoas infectadas, na sua maioria assintomáticos e, nesse momento novos ciclos de contagio vão se estabelecendo. Portanto, todo o focos de contaminação a fim de esforço ainda deve ser para se manter o isolamento social, mais ou menos restritivo, em especial, nas regiões onde a transmissão, denominada R(t), está acima de 1, em curva de crescimento", explica o especialista.

A taxa de transmissão R(t)acima de 1 significa uma pessoa transmite o vírus para mais de uma pessoa e a epidemia avança. Se o R(t) é menor que 1, cada pessoa transmite para menos de uma pessoa, e a epidemia começa a reduzir seu ímpeto)

"Considera-se essa intervenção como Fase I", explica Bittencourt.

"Mas em paralelo, prossegue o professor, "deve-se iniciar a intervenção clássica do enfrentamento epidemiológico das epidemias, considerada a Fase II, qual seja: identifica os casos, classifica o risco clínico, rastreia os contactantes, isola seletivamente os infectados e, finalmente interrompe a transmissão.

"O volume de informações para se identificar os casos, infelizmente, no Brasil já é altíssimo. Hoje, 29/05, temos mais de 465 mil casos confirmados de Coronavírus, sendo que perto de 200 mil pacientes recuperados e próximo de 30 mil mortes. Essas informações, assim como as testagem em curso, estão sendo subutilizadas e servem apenas para somar os novos casos da Covid", observa.
USO INTENSIVO DA

EPIDEMIOLOGIA E DA VIGILÂNCIA

Para Bittencourt, há necessidade de uso intensivo da epidemiologia e da vigilância para o combate eficaz à pandemia. "Em torno das pessoas infectadas deve-se organizar as ações da Fase II, com uso de Inteligência Epidemiológica. Em especial, nas cidades do interior do país, onde é plenamente exequível realizar o rastreamento, isolamento e supressão, com sucesso", explica.

Toda a estrutura da atenção básica de saúde deve ser colocada a serviço do combate à pandemia, defende Roberto Bittencourt. "A fim de implementar a Fase II devem ser utilizados dois componentes a pleno vapor:

(1) As Equipes de Saúde da Família associadas as equipes da Defesa Civil, ambas com grande

amplamente, que permitirão identificar dos principais focos, por CEP, verificar os fluxos de contágio e mapear as zonas mais atingidas", afirma.

"Ă estratégia de supressão da transmissão é a única capaz de interromper a atual pandemia, além de organizar o sistema de saúde de maneira permanente, para enfrentar as próximas epidemias, que seguramente ocorrerão", completa o especialista. PRESSÃO ȘOBRE O SISTEMA DE **SAÚDE AUMENTA**

A pressão sobre o sistema de saúde público e particular aumentou no DF, segundo dados oficiais. O estudo projetava para 25 de maio a necessidade de 121 internações, sendo 44 em UTIs, no cenário típico. Mas, segundo o Governo do Distrito Federal (GDF), foram ocupados 248 leitos e 114 unidades intensivas, o que está dentro da estimativa mais pessimista traçada pelos pesquisadores da Universidade de Brasília. "O dado real está superestimando o cenário típico. O pico de hospitalização pode ser muito próximo do cenário pessimista", pontuou o pesquisador do GigaCandanga, Paulo Angelo Alves Resende.

Do ponto de vista dos autores do boletim, que é feito quinze-nalmente, o GDF e demais autoridades não devem tomar novas decisões sobre flexibilizações até o diagnóstico real da pandemia, principalmente no mapeamento dos focos de transmissão da doença. "Para resolver isso, a gente recomenda que não continuem flexibilizando ou apertando medidas de isolamento. Não tome decisões enquanto não analisar melhor o que está acontecendo". alertou Resende, que chama a atenção para a necessidade de um maior investimento na infraestrutura hospitalar para tratar dos casos graves da doenca

ISOLAMENTO FOI IMPORTANTE. **AGORA É ISOLAR FOCOS**

O pesquisador avalia que o isolamento social foi importante no começo da pandemia para salvar vidas contra um inimigo desconhecido. Mas, agora, é garantir a retomada segura das atividades sociais e econômicas, evitando, por exemplo, o desabastecimento de comida. Ele cita um exemplo que ocorreu na Europa e que reforçou a necessidade da vigilância epidemiológica e das ações norteadas por ela.

Teve um caso famoso na Inglaterra em que eles tiveram um surto de cólera e foram pesquisando aonde a pessoa foi, o que fez. E identificaram analisando, caso a caso, que era um poço o ponto de contaminação. Fechou e resolveu. Isso nós não temos. Não estamos fazendo", advertiu Paulo Angelo Alves Resende.

Até porque, segundo Paulo Angelo Alves Resende, o isolamento social por longo período não é sustentável e compromete, inclusive, a saúde mental da população. "Fechar tudo e esconder as pessoas dentro de casa é uma medida desesperada e cega. Foi útil no início da pandemia. Passados três meses, não dá para continuar com a medida cega. Temos que sentar com inteligência analisar o que está acontecendo e tomar as medidas acertadas", aconselhou. De acordo com Rezende, para encontrar os focos da doença as autoridades precisam entrevistar as pessoas contaminadas nas últimas três semanas, perguntando o possível local de infecção, data provável de contaminação e atividades feitas após o contágio.

O documento aponta diretrizes de atuação para subsidiar decisões do poder público. Além da adequação da estrutura assistencial, "investir em inteligência epidemiológica para compreender os meios de contaminação que necessitam de melhores controles. Além disso, "investir na inteligência geográfica como instrumento de análise e apoio na compreensão da dispersão da contaminação por região, tendo como base os dados de testes positivados que estão sendo efetuados pela Secretaria de Saúde, para gerar protocolos regionais de ação e previsão, vinculando às disponibilidades hospitalares e a previsão de necessidades futuras", completa o estudo do Boletim Covid-19 DF.

SÉRGIO CRUZ



Roberto Bittencourt, um dos autores da pesquisa, agentes de saúde no trabalho de campo e o mapa da disseminação da pandemia no Brasil

Bruno Covas prorroga quarentena até 15 de junho na capital paulista

Abertura de atividades só será realizada após aprovação pela prefeitura de propostas apresentadas pelos setores econômicos

Sem estabelecimentos abertos, o processo de transição para a reabertura da economia anunciado pelo governo João Doria (PSDB) começou nesta segunda--feira (1°) .

Doria autorizou prefeituras de partes do interior e da capital iniciarem o processo de reabertura de comércio, shoppings e serviços. No entanto, isso ainda depende de decretos municipais.

Na capital paulista, prefeito Bruno Covas (PSDB) estabeleceu que cada setor econômico precisa aprovar protocolos antes de acabar com a quarentena e flexibilizar a abertura do

Em meio ao processo de análise dos protocolos, a Prefeitura prorrogou a quarentena até dia 15 de junho. Segundo a prefeitura, se eventualmente algum grupo conseguir a aprovação antes desta data, poderá reabrir mesmo assim.

O processo, porém, não é simples. A avaliação inclui apresentação de protocolos de distanciamento, higiene, testagem de colaboradores. horários alternativos, agendamento para atendimento, fiscalização e apoio para que funcionários que não tenham com quem deixar seus dependentes.

São Paulo foi incluída na chamada área laranja, na classificação de cinco fases do governo: vermelha, laranja, amarela, verde e azul. Na primeira, há restrição total, que vai desaparecendo gradualmente até chegar na fase azul, de



"Nossa cidade fez a lição de casa", disse o prefeito

vermelha. No entanto, a situação pode mudar pois Doria subdividiu a região em cinco, cujos indicadores serão avaliados separadamente. A divisão foi feita pelas cidades da região norte, Alto Tietê, Grande ABC, regiões dos Mananciais e Rota dos Bandeirantes

O principal índice que tem sido levado em conta e que tirou a capital da zona vermelha foi a questão dos leitos. Nos bastidores, também houve pressão do prefeito Bruno Covas para a liberação para que fossem tratados dos protocolos de reabertura.

Segundo os dados do governo, 90% da população do estado estão em cidades na fase de "atenção ou controle", ou seja, em que haverá algum tipo de retomada das atividades comerciais.

Em entrevista ao Jornal Globo News deste domingo (30) o prefeito Bruno Covas declarou que "Não houve nenhuma defesa de ficar ou não ficar na região metropolitana. A cidade de São Paulo A Grande SP, por outro I tem números que apontam I completou o prefeito.

lado, permaneceu na área I pra um controle da doença nas últimas quatro semanas a uma estabilização no número de mortes semanais".
"O que a cidade fez ao

longo desses últimos 60 dias foi a sua lição de casa, seja o município com ampliação de leitos de UTI, seja a população que ficou dentro de casa, que passou a utilizar máscara, que mudou sua rotina e que fez a cidade chegasse a níveis que permitisse a gente ser classificado na fase 2", completa.

Ao ser questionado sobre a mudança de postura do prefeito, em comparação às últimas semanas ele disse:

"A gente vem colhendo bons resultados, todas as ações que foram implementadas pela prefeitura de São Paulo geraram resultados de aumento de isolamento social, de diminuição do contágio na cidade de Sâo Paulo", disse.

"Como a gente já está a quatro semanas com os índices mantidos aqui na cidade de São Paulo, é possível falar sobre flexibilização",

João Pedro foi atingido por um tiro de fuzil em suas costas, aponta laudo da Polícia Civil

O laudo da necropsia de João Pedro Mattos, de 14 anos, morto em uma operação no Morro do Salgueiro, em São Gonçalo no Rio de Janeiro, no dia 18 de maio, indica que ele foi atingido por um único disparo nas costas. O tiro acertou a parte posterior das costas, na altura das costelas, do lado direito.

O projétil entrou pela região dorsal direita, abaixo da axila, de baixo para cima e na direção diagonal. Causou lesões no pulmão e no coração e ficou | do atividades administra- | pecializada em Segurança alojado próximo ao ombro esquerdo do adolescente.

A Delegacia de Homicídios da região já havia identificado que o projétil tem calibre 5,56 mm, o mesmo calibre do fuzil de um dos policiais civis que participaram da ação, em apoio à Polícia Federal. Os outros dois levavam fuzis de 7,62 mm.

Os três agentes foram afastados temporariamente do serviço nas ruas, mas continuam na Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) exercen-



Garoto de 14 anos foi morto dentro de sua casa

tivas, conforme informou a corregedoria da Polícia Civil na última semana.

Em nota, a Polícia Civil confirmou que, após todos os depoimentos serem realizados, vai realizar uma reprodução simulada da operação da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) e da Polícia Federal que resultou na morte do adolescente.

A Polícia Civil também enviou um ofício à Polícia Federal (PF) para que auxilie nas investigações.

O Grupo de Atuação Es-

Pública do Ministério Público (Gaesp) abriu um Procedimento Investigatório Criminal, sendo uma investigação em paralelo. Familiares e amigos de João Pedro farão seus depoimentos com promotores do Ministério Público na semana que vem. As corregedorias da

Polícia Civil e da Polícia Federal também instauraram sindicâncias administrativas para apurar paralelamente a conduta dos agentes envolvidos na



Câmara aprova 'Lei Aldir Blanc' de ajuda ao setor cultural

O plenário da Câmara aprovou nesta terça-feira (26), por unanimidade dos líderes, o Projeto de Lei 1075/20, que destina R\$ 3,6 bilhões para ações emergenciais no setor cultural beneficiando artistas e trabalhadores da área afetados pelas restrições impostas pelo isolamento social necessário para conter o avanço da

A proposta da deputada Benedita da Silva (PT-RJ) foi aprovada na forma do substitutivo da deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ), que agregou diversas contribuições de outros quatro projetos, descentralizando os recursos a estados e municípios. O texto também concede a suspensão do pagamento de tributos federais incidentes sobre rendimentos de artistas e atividades culturais até o fim do estado de calamidade pública decorrente da pandemia do novo coronavírus.

Além disso, proíbe o corte de água, energia elétrica e serviços de telecomunicação, como internet, de empresas do setor cultural, durante o período de calamidade

Segundo a relatora, o Estado precisa formular políticas públicas, fomentar, incentivar, definir prioridades e criar condições para o desenvolvimento das atividades artísticas de toda a sociedade e, neste momento de pandemia, socorrer o setor cultural. A parlamentar observou que um grande número de pessoas, que dependem ou se relacionam economicamente com a renda gerada na cultura, estão vivendo de ajuda de outros colegas, de cestas básicas, ou passando fome com suas famílias.

A arte, parte forte, transformadora e constitutiva da nossa cultura, incide sobre os seres humanos desde que nascem, para não falar da gestação, até a possibilidade de melhora e até de cura das doenças da senilidade. É coirmã da educação e redutora de violência, construtora da civilização, mas, muitas vezes, não é vista como ofício, como trabalho. A cultura é parte importante do projeto nacional de desenvolvimento", destacou.

Jandira Feghali assinalou que todos

os decretos de isolamento social adotados pelas autoridades públicas tiveram como resultado imediato a paralisação dos espetáculos e outros eventos culturais. Ela advertiu ainda que, na retomada do curso habitual da convivência social, estas atividades serão as últimas a voltar à normalidade, por isso, o Parlamento brasileiro não poderia faltar à cultura neste momento tão difícil do País.

'Os trabalhadores e as trabalhadoras de todo o Brasil, agora, precisam sobreviver e nos fazer sobreviver também às angústias, temores, confinamento, dores e perdas. E é o que eles têm feito pelas redes, varandas, e demais linguagens, das mais tradicionais às mais inovadoras, de maneira, na maioria das vezes, voluntá-

A deputada lembrou que o projeto foi apelidado inicialmente de Lei de Emergência Cultural. Porém, como muitos artistas faleceram neste período da pandemia – entre eles Dona Neném da Portela, Rubem Fonseca, Flávio Migliaccio e Moraes Moreira – um deles deveria dar nome à Lei pela obra que deixa ao Brasil e por ter sido vitimado pela Covid-19. "Por isto, quero propor que chamemos esta proposta de Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc", enfatizou Jandira.

"Um povo sem cultura não se mantém de pé; ele se ajoelha", afirmou a líder do PCdoB na Câmara, deputada Perpétua Almeida (AC), ao encaminhar o voto favorável à matéria. Ela saudou a unanimidade construída pela relatora ao texto aprovado, apontando que o legislativo dizia "sim" ao projeto de ajuda ao setor cultural "escutando as vozes dos milhões de brasileiros artistas, atores e produtores culturais" de

ALDIR BLANC

Um dos maior compositores da música popular brasileira, Aldir Blanc morreu dia 4 de maio, no Rio de Janeiro, em decorrência de infecção generalizada provocada pelo novo coronavírus. Autor de "O Bêbado e o Equilibrista", considerada o hino da anistia, imortalizada na voz de Elis Regina no final da década de 70, Blanc, de 73 anos, foi diagnosticado com Covid-19 no dia 23 de abril.

IMPACTO SOCIAL

O impacto social e econômico da pandemia no setor cultural brasileiro será devastador. A Fundação Getúlio Vargas estima que a cadeia produtiva da cultura, imensa e complexa, perderá receitas da ordem de R\$ 46,5 bilhões apenas este ano, com uma diminuição de 24% em sua participação no Produto Interno Bruto nacional, que hoje corresponde a algo entre 4 e 5% do PIB total. As consequências deste impacto serão longas e difíceis no Brasil.

De acordo com a Pnad Contínua 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o setor cultural como um todo emprega 5,2 milhões de pessoas, ou 5,7% da força de trabalho ocupada no País, incluindo artistas, produtores, gestores, técnicos, equipes de segurança e apoio, entre muitas outras categorias.

A proposta seguirá para o Senado. O líder do governo, deputado Vitor Hugo (PSL-GO), disse em plenário que há acordo para que o texto seja sancionado sem vetos pelo presidente Jair Bolsonaro.

WALTER FÉLIX

"Seria muito ruim redução do auxílio emergencial", diz Maia

A prorrogação do auxílio emergencial, que inicialmente é previsto para apenas três parcelas, foi defendida pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia.

Maia também defendeu que o valor de R\$ 600, e R\$ 1.200 para mães chefes de família, seja mantido.

A defesa do deputado contraria o que vem sendo dito pelo governo federal, que avalia o pagamento do auxílio por mais tempo, mas, no entanto, em um valor menor, apenas R\$

Apesar de afirmar que entende a preocupação do governo com os custos, o deputado afirma que "seria muito ruim no quarto ou no quinto mês qualquer mudança no valor de R\$ 600".

Quando o benefício foi criado, através de uma lei aprovada no Congresso, a proposta do governo era que o auxílio fosse de R\$ 200, só depois de muita pressão e avaliando que seria derrotado na Ĉâmara dos Deputados é que o Executivo assumiu o valor de R\$ 600.

Na quinta-feira (28), o secretário Especial de Fazenda, Rodrigo Júnior, afirmou que o auxílio emergencial é "um programa caro" e que deve ser prorrogado com "outro per-, e que não cabe "uma extensão muito prolongada" do auxílio.

A diminuição no valor do benefício também já foi defendida pelo presidente Jair Bolsonaro, que admite a prorrogação, "mas

Segundo o presidente da Câmara, o governo precisa encontrar "soluções para que pelo menos no curto prazo a gente possa manter o valor e depois fazer uma escadinha reduzindo esse valor"

Rodrigo Maia sugere que uma alternativa provisória seria projetar um orçamento novo e utilizar uma parte dos recursos de "programas que estão mal alocados".

"Talvez esse somatório nos dê as condições de a gente manter por mais algum período os R\$ 600 e depois tentar criar um programa oficial permanente de renda mínima com esses programas que já existem no governo", disse.

MPF aciona Justiça para que União e Dataprev esclareçam negativas em pedidos de auxílio

inconciusivos ou dados

incompatíveis' e conse-

quente impossibilidade

de inserção de CPF de

membro familiar em

novo requerimento de

auxílio, ao tentar refa-

zer o pedido, pois o sis-

tema acusa que o CPF

indicado na composição

familiar já se encontra

cadastrado", é outra

bém citam "a impossi-

bilidade de contestar ou

recorrer da conclusão

da análise do pedido

de auxílio emergencial,

quando a negativa do be-

nefício decorre de fatos

que não correspondem

em centenas de deman-

das que chegaram ao

MPT e à DPU. Os ór-

gãos verificaram que a

Dataprev e a Caixa re-

jeitam automaticamen-

te os pedidos de auxílio

sem antes permitir que

requerentes contestem

a negativa "pautada em

informações inverídi-

cas ou desatualizadas",

situação que viola o

direito à ampla defesa

Outra questão levan-

tada no documento é a

desigualdade digital.

Segundo os órgãos, as

dificuldades do público-

-alvo em ter acesso às

informações já são mui-

tas em situação normal

e são agravadas "neste

momento de pandemia

em razão das inúmeras

medidas restritivas para

funcionamento de diver-

sas atividades, inclusive

acesso dos beneficiários

do auxílio à Internet,

celulares e computado-

res, ou a falta de habi-

lidade de muitos para

lidar com esse tipo de

E levanta a falta de

órgãos públicos".

tecnologia.

no processo legal.

A ação foi baseada

à realidade".

OMPTeaDPU tam-

questão apontada.

co Federal (MPF) e a e transparência em Defensoria Pública da | relação às razões da União (DPU), em ação | negativa do auxílio conjunta na Paraíba, emergencial por 'dados protocolaram na Justiça Federal ação civil pública contra a União, a Dataprev e a Caixa Econômica Federal, pedindo que esclareçam aos solicitantes do auxílio emergencial, as razões dos indeferimentos dos pedidos.

A ação pede aos órgãos "clareza e transparência" no esclarecimento das negativas, "indicando, especificamente, em qual dado está o erro encontrado pelo sistema; e ofereçam a possibilidade de recorrer ou contestar a negativa ao auxílio".

O documento ressalta que o auxílio é indispensável à sobrevivência de milhões de brasileiros e que o não funcionamento a contento dos canais de orientação aos cidadãos e as falhas repetitivas no sistema informatizado de requerimentos "causam um inexorável abalo psíquico nos afetados, além de reduzi-los à condição de cidadãos de segunda categoria, abandonando--os à própria sorte num contexto de pandemia e isolamento social".

Os órgãos apontam quatro importantes falhas que motivaram o ajuizamento. Como a falta de clareza na mensagem "cidadão ou membro da família já recebeu o auxílio", recebidas por milhares de pessoas em resposta aos seus cadastros que, segundo relatos, são inverídicas.

Outra falha diz respeito "à base desațualizada do Cadastro Único e não consideração de atualização dos dados no CadUnico após 20 de março de 2020 para fins de recebimento do benefício".

maior proteção aos trabalhadores 16:11



Câmara aprovou o relatório do deputado Orlando Silva (PCdoB-SP)

Relator quer incluir em projeto ataques a direitos já rejeitados pelo Congresso

sentado pelo deputado Celso Maldaner (MDB/ SC), que altera pontos da legislação trabalhista, foi repudiado por diversas entidades representativas dos trabalhadores.

De acordo com as entidades, o texto, que poderá ser votado na próxima semana, tenta ressuscitar ataques aos direitos trabalhistas já rejeitados inclusive pelo poder Legislativo em outras matérias.

O texto reaproveita elementos da caduca MP 905 (da carteira verde e amarela) que perdeu validade, como a redução da multa paga pelas empresas em caso de demissão sem justa causa de 40% para 20% sobre o saldo do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

A presidente da Associação Nacional do Magistrados do Trabalho (ANAMATRA), Noemia Porto, afirmou que a tentativa de "reaproveitar" elementos vencidos em outras matérias é inconstitucional.

"A Constituição Femesma sessão legislativa, de medida provisória que tenha sido rejeitada ou que tenha perdido sua eficácia, bem como o STF já se posicionou pela inconstitucionalidade de emenda parlamentar em projeto de conversão de MP em lei, por conteúdo temático distinto daquele originário", afirma Noemia.

Além disso, a Anamatra aponta que as alterações feitas na MP 927/2020 pelo relator vão "na contramão de medidas protetivas do emprego e da renda que vêm sendo

O relatório da Medida | pais países atingidos pela | mesmo quando estes são Provisória (MP) 927 apre- | pandemia, afeta a subsis- | mais favoráveis à catetência dos trabalhadores, das trabalhadoras e de suas famílias, assim como atinge a sobrevivência de micro, pequenas e médias empresas, com gravíssimas repercussões para a economia e impactos no tecido social".

Entre as mudanças de caráter permanente, o relator propôs que o repouso remunerado aos domingos, hoje regra, seja apenas preferencial e amplia essa possibilidade para todos os setores, sem ressalvas. A Consolidação da Leis Trabalhistas (CLT) prevê que o repouso deve ser sempre aos domingos, "salvo motivo de conveniência pública ou necessidade imperiosa do serviço"

O relatório também flexibiliza a fiscalização trabalhista e restringe o reconhecimento de acidente de trabalho durante o trajeto do serviço. Aumenta, por exemplo, as situações em que deverá ocorrer a dupla visita dos auditores antes da autuação e também o intervalo entre elas.

Outro ponto questioderal veda a edição, na nado na matéria é a possibilidade de dispensar o empregador de reembolsar as despesas com aquisição e manutenção de equipamentos tecnológicos e de infraestrutura que viabilizem a realização o chamado home office (trabalho remoto).

O relator cria ainda a possibilidade de a empresa obrigar os trabalhadores para a qualificação sem especificar a forma como estas devam se dar, isenta o pagamento em dobro de férias vencidas não gozadas, cria a prevalência da lei sobre os acordos coleadotadas pelos princi- l'tivos de trabalho (ACT), l'tra em nota técnica.

goria.

Câmara aprova MP 936 e garante

O novo relatório também tenta flexibilizar as Normas de Saúde e Segurança no Trabalho, dispensando homologação judicial, em caso de violação de normas trabalhistas.

O Fórum Interinstitucional de Defesa do Direito do Trabalho e da Previdência Social (Fids) lembra, em nota, que os limites constitucionalmente impostos à edição de Medidas Provisórias são para momentos de urgência, porém essa matéria trata-se de uma nova tentativa de acelerar a "desregulamentação do Direito do Trabalho, debilita acentuadamente instituições e entidades essenciais à preservação do ideário da Justiça Šocial, como a Fiscalização do Trabalho, a Justiça do Trabalho, o Ministério Público do Trabalho e os Sindicatos".

"Impor a aceitação dessas previsões, sob o argumento de que ficarão todos desempregados, não é condizente com a magnitude que se espera do Estado brasileiro. Os poderes constituídos -Executivo, Legislativo e Judiciário – e a sociedade civil são corresponsáveis pela manutenção da ordem constitucional. Em momentos como o presente é que mais se devem reafirmar as conquistas e salvaguardas sociais e econômicas inscritas, em prol da dignidade da pessoa humana e do trabalhador e da trabalhadora, do desenvolvimento socioeconômico e da paz social", ressalta a Anama-

Projeto reforça acordos coletivos e prorroga desoneração da folha às empresas até 2021

unanimidade, nesta quinta-feira (28), o relatório da Medida Provisória (MP) 936 que define regras para os contratos de trabalho durante a crise causada pela pandemia do coronavírus.

O texto, apresentado pelo deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP), fez mudanças importantes na MP original do governo, garantindo maior proteção aos trabalhadores e dando condições para que as empresas consigam atravessar esse momento preservando os postos de trabalho, com a previsão de pagamento de um beneficio emergencial pelo governo aos trabalhadores.

Para o deputado, a aprovação foi uma "vitória". "O texto, do qual fui relator, busca a preservação de empregos e da renda dos trabalhadores em meio à tragédia da pandemia, que ameaca a saúde e a economia do país. O diálogo democrático a serviço do povo", declarou Orlando

nas redes sociais. O texto torna obrigatória a participação dos sindicatos nos acordos trabalhistas de redução de salários e jornada ou suspensão de contratos para os trabalhadores que recebem entre dois salários mínimos (R\$ 2.090) e de duas vezes o teto do Regime Geral da Previdência Social (R\$ 12.202,12). Os acordos individuais só poderão ser celebrados para os trabalhadores fora dessa faixa.

O texto diz ainda que quando houver acordo coletivo celebrado em determinada categoria, este estará sobreposto aos acordos individuais, "de modo a estimular os acordos coletivos.".

Para as mulheres gestantes que eventualmente tenham os contratos suspensos ou reduzidos seus salários, ao requererem o salario maternidade, que este seja correspondente ao salário integral que ela tem direito, de acordo com suas contribuições, anteriores as aplicações das

medidas prevista pela MP. Além disso, o texto aprovado propõe que seja pos- l o Senado.

A Justica determinou o

fechamento da unidade dos

Correios na Brasilândia, na

zona Norte da capital paulis-

ta, por tempo indeterminado.

com maior número de infec-

tados pela Covid-19 na cida-

À Brasilândia é o bairro

Justiça fecha unidade dos Correios

na Brasilândia depois de sindicato

denunciar descaso com funcionários

Câmara dos Depu-tados aprovou por sível suspender os avisos prévios feitos aos traba-Îhadores, como forma de dar as condições para que o empregador possa manter os postos de trabalho.

Aos trabalhadores que receberam as últimas parcelas do seguro desemprego no início da pandemia será criado um benefício nos mesmos marcos do auxílio emergencial de R\$ 600 para lhes garantir alguma renda para atravessar esse período, uma vez que sua recolocação no mercado de trabalho não será possível na atual dinâmica de calamidade pública.

Esse benefício também deve ser oferecido aos trabalhadores que venham a perder seus empregos durante a pandemia e que não cumpram os critérios para ter acesso ao seguro desemprego. Para ter acesso ao seguro desemprego o trabalhador deve ter contribuído por 1 ano. Antes da mudança apresentada pelo executivo federal em 2015, o tempo de contribuição era de 6 meses.

O texto aprovado pelos parlamentares prorrogou a desoneração da folha de pagamento para as empresas que possuem seus maiores encargos relacionados a mão de obra até 31 de dezembro de 2021, como forma de garantir a manutenção dos empregos. São 17 setores que podem optar por contribuir com um percentual que varia de 1% a 4,5% sobre a receita bruta, no lugar de recolher 20% sobre a folha de pagamento para a Previdência.

A proposta apresentada por Orlando previa elevar o limite do complemento salarial feito pelo governo para os trabalhadores que tiverem corte de salário para até três salários mínimos, equivalente a R\$

Contudo, a base governista, seguindo as orientações da equipe econômica de Paulo Guedes, manteve a base de cálculo do texto em vigência que atualmente estabelece a recomposição salarial com base no seguro-desemprego, cujo teto é de R\$ 1.813,03. Agora, o texto segue para

Demissões disparam e trabalhadores enfrentam falhas em solicitação do seguro-desemprego

O impacto do coronavírus na economia, que no Brasil, antes da pandemia já andava muito mal das pernas, com desemprego acelerado, ainda amarga a inoperância do governo em amenizar o sofrimento de milhares de trabalhadores que não conseguem sequer dar entrada ou receber o seguro-desemprego. Com as Superintendên-

cias Regionais do Trabalho fechadas, falhas no aplicativo e no site da Carteira de Trabalho Digital, e também no número de telefone disponibilizado, as dificuldades se multiplicam.

Só nos meses de março e abril, 1,1 milhão de pessoas com carteira assinada ficaram desempregadas.

Apenas na primeira quinzena de maio, 500 mil trabalhadores pediram o seguro desemprego, mas, segundo o próprio Ministério da Economia, cerca de 250 mil pessoas ainda não conseguiram dar entrada no pedido.

Os trabalhadores relatam que não conseguem chegar ao final do procedimento no | até uma semana. Até hoje | como podem para sobreviver. ta diária de R\$ 30 mi

aplicativo, que o sistema cai, ¡ que aparecem avisos de que os dados estão incorretos, etc. Nas ligações para o Alô Trabalho 158, os relatos são de que nunca conseguem completar a ligação, nem serem atendidos, ou simplesmente escutam a mensagem de que o número não existe. Como relatou o contador

Alysson Viana, 44 anos, em reportagem à Folha de SP. Alysson foi demitido em março e baixou aplicativo Carteira Digital. Após preencher os dados solicitados, recebeu a mensagem "aguardando confirmação no posto". Ao tentar ligar para o 158, também não conseguiu ser atendido.

"Demorei dias para conseguir ligar, porque não atendia. Uma mensagem dizia que todas as linhas estavam ocupadas e que eu deveria tentar outro horário. Consegui contato apenas no dia 9 de abril, dez dias depois da tentativa inicial. A atendente disse que receberia algum retorno em

85% dos pedidos são feitos de forma digital e diz que "uma adaptação tão grande não é trivial". E reconhece que "houve problemas no meio do caminho", mas que "eles foram solucionados". A Secretaria Especial de Previdência e Trabalho diz ainda que as Superintendências Regionais do Trabalho redobraram esforços para garantir atendimento não presencial.

A secretaria também afirma que está em andamento a contratação em modalidade emergencial de ampliação das posições de atendimento da central.

Enquanto isso, assim como vem ocorrendo com milhões de pessoas que não conseguem receber o auxílio emergencial, ou pequenas e micro empresas que não conseguem acesso ao crédito para não fecharem as portas e demitirem mais trabalhadores, os desempregados têm que continuar se virando

de, seguido por Sapopemba, na zona Leste, e Grajaú, na zona Sul. A decisão da juíza Andréa Grossmann, da 87ª Vara do Trabalho de São Paulo, atendeu a uma ação do Sindicato dos Trabalhadores da Empresa Brasileira dos Correios, Telégrafos e Similares do Estado de São Paulo (Sintect).

Na unidade, 12 funcionários testaram positivo para o coronavírus, e um está internado na UTI.

Segundo o sindicato, "a direção da empresa continua tratando a doença como uma gripezinha, jogando a categoria na fogueira e só tomando as medidas recomendadas e necessárias quando é obrigada pelo Sindicato através da luta e da justiça".

A juíza determinou que a unidade só poderá voltar a funcionar quando a empresa testar todos os funcionários, além de proceder à desinfecção do local, entre outras medidas de proteção recomendadas pelos órgãos sanitários.

Se descumprir a ordem, a empresa terá que pagar mul-

No início de maio, os trabalhadores paralisaram as atividades na unidade em protesto pela falta de condições de trabalho. O sindicato informou que no local em que trabalham cerca de 60 pessoas, havia apenas uma funcionária para fazer a higienização.

Os Correios negaram a denúncia, afirmando que todas as medidas necessárias para conter a contaminação pelo Covid-19 estavam sendo tomadas.

Em nota publicada em seu site, o Sintect esclarece que "nesses bairros estão as pessoas mais pobres da cidade, a maioria dos desempregados, subempregados e informais. que precisam sair às ruas para garantir o alimento diário, além dos que estão empregados e continuam em trabalho presencial, indo e vindo no transporte público, como os ecetistas".

Portanto, diz o sindicato. "é óbvio que a contaminação vai crescer exponencialmente nesses bairros, e que os trabalhadores dos Correios, que atuam e moram em todos eles, sofrerão as piores consequências".

E cobra menos "descaso da direção da empresa, focada unicamente no negócio e no lucro. Para ela não há seres humanos, vidas que importam, mas apenas números", diz o sindicato.



Vitrine de loja de judeus estilhaçada por nazistas na "Noite dos Cristais"

Confederação Israelita condena Weintraub por comparar STF ao terror nazi

nou a equiparação de medidas do Supremo Tribunal Federal, STF, no sentido de reunir provas em uma investigação que inclui o ministro da Educação de Bolsonaro, Abraham Weintraub, com a "Noite dos Cristais", ação perpetrada de forma articulada e direcionada como largada do terror vandálico nazista para o extermínio de milhões de judeus na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial.

'Não há comparação possível entre a Noite dos Cristais, perpetrada pelos nazistas em 1938, e as ações decorrentes de decisão judicial no inquérito do STF, que investiga fake news no Brasil", diz a nota da Conib, publicada no dia 27.

'A Noite dos Cristais, realizada por forças paramilitares nazistas e seus simpatizantes, resultou na morte de centenas de judeus inocentes, na destruição de mais de 250 sinagogas, na depredação de milhares de estabelecimentos comerciais judaicos e no encarceramento e deportação a campos de concentração", prossegue a entidade que congrega todas as federações de organizações judaicas de todo o Brasil.

A Conib ressalta ainda que "as ações do inquérito, por sua vez, se dão dentro do ordenamento jurídico, assegurado o direito de defesa, ao qual as vítimas do nazismo não tinham acesso".

"A comparação feita pelo ministro Abraham Weintraub é, portanto, totalmente descabida e inoportuna, minimizando de forma inaceitável aqueles terríveis acontecimentos, início da marcha nazista que culminou na morte de 6 milhões de judeus, além de outras minorias", finaliza a declaração.

Em mensagem por twitter, Weintraub chama a ação de busca e apreensão como "dia da infâmia", 'vergonha nacional" e "Noite dos Cristais brasileira" e termina investindo contra a imprensa que, nas palavras dele, seria, a um só tempo "oligarca" "socialista" e que estaria saudando a operação da Polícia Federal, fazendo a famigerada saudação nazista: "Sieg Heil!"

Mais uma vez partem do governo Bolsonaro referências ao flagelo nazista

O Instituto Brasil-Israel, IBI, repercutiu a nota da Conib acrescentando que "na luta aberta que estamos assistindo entre o poder executivo e o poder judiciário, alusões ao nazismo apareceram novamente na cena pública brasileira. Dessa vez,

Como todos sabem, ministros do governo federal têm sido criticados por trazerem à tona discursos que se assemelham ao nazismo, em forma e conteúdo. Em meados de janeiro, o ex-secretário de cultura Roberto Alvim divulgou um vídeo emulando a estética e o discurso de Joseph Goebbels; e ainda este mês, a Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência (Secom) publicou uma variação da frase escrita nos portões do campo de concentração de Auschwitz: 'O trabalho liberta'"

"Agora", prossegue a declaração do IBI, "invertendo as acusações, membros do executivo nacional e aliados de Bolsonaro reagem ao inquérito das Fake News do STF", como se o conjunto dos instrumentos legais de busca e apreensão equivalesse a um tratamento nazista contra os ministros, empresários e parlamentares que montaram uma rede de mentiras para difamar, desinformar e intimidar.

"É risível e trágico: aqueles que incorporam a linguagem e a estética nazista agora acusam os outros da mesma coisa para se vitimarem. Apenas parem. Vocês ofendem a memória das verdadeiras vítimas do nazismo e não enganam ninguém", conclui o IBI.

"Trata-se de mais uma tentativa de representantes do governo Bolsonaro, de manipular a ĥistória em seu benefício. Em especial, a história e os símbolos judaicos", afirma Jayme Brener, jornalista, diretor do Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil "Henry Sobel".

Mais grave por vir de um ministro da Educação que, em sua gestão, notabilizou-se apenas pela ignorância e pela violência verbal. E por usar sua origem judaica, quando interessa a seu governo, como um escudo de proteção contra as bobagens que fala. Não caímos nessa", acrescenta Brener.

A organização norte-americana American Jewish Committee, AJC, também se insurgiu contra o despropósito de Weintraub e outros bolsonaristas.

"A repetida instrumentalização política de linguagem referente ao Holocausto por funcionários do governo brasileiro são profundamente ofensivas ao judaísmo no mundo inteiro e um insulto à vítimas e

sobreviventes do terror nazista, afirma o AJC. Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

União Europeia repudia a ruptura de Trump com OMS



"OMS deve continuar a liderar a resposta internacional às pandemias", diz UE

Soldado israelense assassina palestino autista em Jerusalém

Com vários tiros nas p costas, disparados da arma de um soldado israelense, um fuzil M-16, faleceu Eyad Hallaq, de 32 anos, palestino de Jerusalém e que frequentava e trabalhava em uma escola para pessoas com necessidades especiais.

O soldado, cujo nome não foi revelado, disse que suspeitou de Eyad por ele "usar luvas" e 'carregar um objeto" que lhe pareceu "sus-

O soldado acrescenta que ordenou que ele parasse mas ao invés disso ele saiu correndo.

O soldado que matou Eyad acabara de ingressar em serviço militar na Jerusalém árabe (anexada a Israel de forma unilateral pelo governo Netanyahu) e estava acompanhado de outro, um oficial veterano, que disparou para o ar e pediu ao mais novo parasse de atirar sem ser atendido, segundo informam os jornalistas Nir Hasson e Bar Peleg, em matéria publicada no dia 31 de maio no jornal Haaretz.

Familiares e conhecidos de Hallaq foram unânimes em afirmar que Eyad "era incapaz de causar mal a ninguém".

Eyad Hallaq, foto de twitter

O corpo de Eyad foi levado para um IML israelense e, apesar de seus familiares exigirem que um patologista por eles indicado estivesse presente durante a autópsia, isso lhes foi negado.

'Ele frequentava a escola diariamente e problema com a polícia. para a prisão".



"Justiça", exigem manifestantes em Jerusalém

De manhã recebemos um | chamado da direção da escola nos dizendo que nosso filho tinha sido morto", declarou o pai de Eyad.

ainda o pai, policiais e membros do Shin Bet (polícia secreta israelense) chegaram em sua ainda Odeh. casa e sem dizer nada entraram e começaram a Horowitz, que preside fazer uma busca. "Quan- o partido Meretz endo perguntamos o que estava acontecendo, fomos xingados", acrescentou.

Isso é um assassinato. Exigimos que estes policiais respondam perante | tigado. Já a jornalista a Justiça. De acordo com testemunhas, cerca de 10 balas foram disparadas contra ele", declarou o advogado que representa a família.

Houve protestos contra o assassinato em Jerusalém e Yaffo (a antiga cidade árabe vizinha a

Tel Aviv). Ayman Odeh, deputado que preside a Lísta Árabe que concorreu às eleições para o parlamento israelense, o Knesset, expressou suas condolências à família e acrescentou que "temos que lutar contra a cobertura que a polícia com certeza | fornecerá aos soldados e nunca teve qualquer para que o responsável vá direitos".

"Temos que nos lembrar que foi o soldado que apertou o gatilho, mas foi a ocupação que carregou a arma. Justiça de verdade para a Pouco depois, relata | família de Hallaq e todo o povo palestino quando este tiver liberdade e independência", disse

O deputado Nitzan viou uma carta para o chefe de polícia e para o ministro da Segurança Pública exigindo que o assassinato seja inves-Merav Michaeli, eleita deputada pelo Partido Trabalhista, afirmou que "a polícia existe para proteger as pessoas e não para atirar nelas".

O secretário-geral para Jerusalém do partido Fatah, Shadi Mutour, declarou que "Hallaq foi executado por soldados sedentos de sangue cujo objetivo é implementar uma política de terror e intimidação contra os palestinos de Jerusalém Oriental, mas esse sadismo de quem se sente feliz em apertar o gatilho só fará com que os palestinos se aferrem mais a sua terra e a seus

NATHANIEL BRAIA

"A cooperação global e a solidariedade com esforços multilaterais são os únicos meios eficazes e viáveis para vencer essa batalha mundial", afirmou a presidente da Comissão da UE, Ursula von der Leyen

afirmou que a Organização Mundial de Saúde "deve continuar em posição de liderar a resposta internacional às pandemias atuais e futuras", em comunicado em que conclamou os EUA a reconsiderarem" o rompimento com a OMS anunciado pelo governo Trump na sexta-feira.

"Rompimento de laços" cometido em meio a uma pandemia que já matou cerca de 380 mil pessoas no planeta, com mais de 6 milhões de casos em 196 países, e na qual os EUA são recordistas mundiais tanto em número de infectados quanto de óbitos.

"A cooperação global e a solidariedade por meio de esforços multilaterais são os únicos meios eficazes e viáveis de vencer esta batalha mundial", disse a presidente da Comissão Europeia (o órgão executivo da UE), Ursula von der Leyen.

A UE reiterou que "continua apoiando a OMS e já forneceu fundos suplementares".

"DECISÃO LOUCA"

"Louca e aterrorizante": assim se manifestou o editor-chefe da prestigiada revista médica britânica The Lancet, Richard Horton, sobre a decisão de Trump.

Quando há um mês Trump cortou o financiamento para a OMS, o mundo inteiro se uniu contra o desatino, como manifestaram o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, Rússia, China, Alemanha, França e Inglaterra, e mais dezenas de países, em defesa da OMS e da cooperação mundial para deter a pandemia.

Uma conferência de emergência, encabeçada pelos europeus, logo em seguida, captou mais de 7 bilhões de euros para o combate à Covid-19 e a busca de vacinas e tratamentos.

Nesse choque inicial com Trump, as principais liderancas mundiais também ressaltaram o insubstituível papel de assistência da OMS aos países mais pobres e de sistemas de saúde mais frágeis, potenciais vítimas em larga escala da pandemia.

A OMS foi formada em 1948, como parte do esforço pós-guerra ao nazifascismo de construção de estruturas internacionais capazes de coordenar avancos na segurança e nos direitos. Desde então, tem cumprido esse papel, erradicando moléstias como a varíola e a paralisia infantil, instaurando padrões sanitários e de vacinação, no esforço mundial contra tuberculose, hepatite e Aids, e nos anos recentes contra o Ebola.

O rompimento com a OMS foi anunciado por Trump na semana em que os EUA completaram a triste marca de 100 mil mortos de covid-19, o que são mais mortos do que os norte-americanos que tombaram nas guerras da Coreia, do Vietnã do Iraque somados.

O que ocorre a poucos meses da eleição de novembro e com a questão da resposta absurdamente inepta de seu governo à pandemia indo a julgamento nas urnas.

O que faz Trump precisar desesperadamente de arranjar um bode expiatório, depois de ter chegado a dizer em comícios que era "uma gripe comum" e, mais na frente, até sugerido como cura injetar água sanitária no pulmão dos infectados além da cloroquina e da pressão para reabrir de

União Europeia re- | pela OMS de emergência mundial de saúde pública por causa do novo coronavírus, mandou proposta de orçamento ao Congresso cortando pesado a verba do controle de epidemias e também da saúde. Além de ter dois anos antes acabado com a equipe de vigilância de pandemias do Conselho de Segurança nacional dos EUA.

Amesh Adalja, cientista da Universidade Johns Hopkins, instituição que mantém um centro de referência sobre a Covid-19, considerou que a decisão do governo Trump "parece [querer] desviar a responsabilidade daquilo que nós vimos os EUA falhar em fazer, e jogar a culpa sobre a OMS".

Ele acrescentou que de um ponto de vista simbólico ou moral "é o tipo errado de ação a ser tomada em meio a uma pandemia".

A diretora-executiva da ong Médicos pelos Direitos Humanos, Dona McKay, afirmou que "sair desta instituição crítica no meio de uma pandemia histórica irá machucar gente tanto nos EUA quanto no resto do mundo".

"A OMS é o sistema mundial de alerta sobre doenças infecciosas", disse a deputada federal democrata Nita Lowey, que pre-side o Comitê da Câmara de Meios. "Agora, durante uma pandemia global que custou mais de 100 mil vidas de americanos, não é hora de pôr o país ainda mais em risco"

Trump, que já retirou os EUA do Tratado do Clima de Paris, do Tratado de Proibição de Armas Nucleares Intermediárias (INF). da Unicef (organização da ONU para a cultura), do Acordo Nuclear com o Irã e do Tratado de Céus Abertos e ameaça não renovar o único tratado de prevenção da guerra nuclear que ainda existe, agora diz que a culpa por ele romper com a OMS é da OMS e da China.

O rompimento de Trump com a OMS - apesar de servir para manter a credulidade de certa parte de seu eleitorado - só faz tornar mais evidente seu isolamento internacional, o fracasso de seu governo em deter um vírus e proteger sua população e a decadência do país mais rico e mais armado do planeta.

A "difamação da OMS" em que Trump insiste foi motivo de recente artigo do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, após defender a centralidade das agências das Nações Unidas como "principal mecanismo de coordenação para a cooperação multilateral".

"A maioria dos países concordam que a OMS tem estado combatendo na linha de frente desde a irrupção da Covid-19. Sem dúvida, como todas as outras instituições multilaterais, a OMS deve melhorar seu trabalho e se adaptar às situações novas. Mas, para atingir isto, a OMS não deve ser minada", enfatizou Lavrov.

Ele acrescentou que todos os estados membros da OMS devem "manter um diálogo construtivo uns com os outros de forma a conjuntamente formular soluções para lidar com os novos desafios".

Como fecho, Lavrov acrescentou que a pandemia "desmascarou o mito há muito mantido no Ocidente sobre o 'fim da história', um modelo de desenvolvimento hiperliberal todo-poderoso, baseado nos princípios do individualismo e na firme crença na habilidade de resolver todos os problemas através

Argentina amplia isolamento na comunidade Villa Azul que tem surto de coronavírus

Localizada na Gran- | de casos já havia crescido de Buenos Aires (GBA), a favela de Villa Azul, entre as cidades de Quilmes e Avellaneda, foi completamente isolada nesta semana pela polícia após as autoridades sanitárias terem apurado que 60% de uma mostra de moradores testados tiveram contágio por Covid-19.

No bairro onde moram cerca de 5.000 pessoas (3.000 em Quilmes e 2.000 em Avellaneda) até o início de quartafeira foram realizados 301 exames pelo Dispositivo Estratégico de Testes para Coronavírus em Terreno da Argentina (DeTecTAr), dos quais 174 deram positivo para a doença. Antes do final do dia, o número para 196, e outras 50 pessoas apresentaram sintomas compatíveis com a enfermidade, transformando o local em um dos centros da pandemia da GBA. "Diante do alto nú-

mero de casos positivos", alertou o ministro do Desenvolvimento da Comunidade de Buenos Aires, Andrés Larroque, foi tomada com "urgência" a decisão de "formar um comitê de crise para intervir junto aos municípios de Quilmes – com cerca de 600 mil habitantes – e Avellaneda – 350 mil habitantes -", "fechar a circulação para o exterior e tentar minimizar a circulação interna".

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

O governo da França proibiu por decreto, na quarta-feira, a utilização da hidroxicloroquina para tratar doentes de coronavírus, depois que o Comitê de Saúde Pública e a Agência de Fármacos de Paris, os dois organismos responsáveis pela saúde pública no país, seguindo as observações da Organização

clararam contrários à utilização da substância devido a que não está demonstrada sua eficácia e traz risco cardíaco. "Seja em consultas ou no hospital, esta molécula não deve ser prescrita para pacientes afetados pela Covid-19" afirmou o ministério da Saúde, depois da publicação do decreto

Mundial da Saúde, OMS, se de-

de proibição no Diário Oficial. As autoridades francesas se referiram a estudos publicados nas últimas semanas sobre o uso do medicamento para o coronavírus como tratamento único ou em associação com outros medicamentos.

A revista médica "The Lancet" destacou a ineficácia da

na no tratamento da Covid-19. O estudo com 96 mil pacientes confirmou as pesquisas que indicam que, além de não favorecer a recuperação dos infectados, as substâncias provocam um risco maior de morte e de desenvolvimento de arritmia cardíaca.

França proíbe uso da cloroquina em pacientes

infectados com Covid-19 por seus efeitos nocivos

A taxa de mortalidade dos pacientes tratados com hidroxicloroquina foi semelhante à dos que não tomaram o medicamento, assim como à das pessoas que receberam hidroxicloroquina combinada com o antibiótico azitromicina.

Ainda segundo os autores do estudo, os pacientes que tomaram a combinação de medicamentos tiveram duas vezes mais chances de sofrer parada cardíaca durante o período de análise.

Em editorial, a revista New England Journal of Medicine (NEJM), se referiu a estudo realizado pelo Presbyterian Hospital de Nova Iorque o qual também concluiu que, | Covid-19 fora de testes clínicos.

hidroxicloroquina e a cloroqui- | além de não ser eficaz contra o coronavírus, a droga, usada indiscriminadamente, pode provocar graves complicações cardíacas.

Para chegarem nesta conclusão, os médicos contaram com dados de pacientes que foram hospitalizados em decorrência da Covid-19. Ao todo, foram avaliadas 1.376 pessoas. Dessas, 811 receberam hidroxicloroquina e 565 não. Conforme revelaram os autores, dos 811 que usaram hidroxicloroquina, 262 tiveram como desfecho a entubação ou morte. No outro grupo, 84 evoluíram para entubação ou morte.

Após os estudos publicados, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decidiu suspender temporariamente na segundafeira o uso da hidroxicloroquina em pesquisas que ela coordenava com cientistas de 100 países.

A Agência de Medicina da Itália (AIFA) também suspendeu a autorização de uso da hidroxicloroquina contra a

qualquer jeito. Também foi Trump quem, no mês seguinte à decretação | apenas do mercado".



Bandeira dos neonazistas da Ucrânia na Av. Paulista

Bolsonaristas trouxeram bandeira nazista para o ato na Avenida Paulista

A exibição, na manifestação em apoio a Bolsonaro na Avenida Paulista, da bandeira do grupo neonazista ucraniano "Pravii Sektor" (Setor Direita), surgido do denominado Partido Popular Ucraniano, "constituiu mais um terrível evento na longa esteira de declarações golpistas e inconstitucionais tanto por parte de membros do governo quanto por parte de seus apoiadores", denuncia o artigo "Bandeira neonazista expõe ação estrangeira na organização de manifestação", publicado pela Equipe Sputnik Consulting*

Segue a matéria:

A organização da manifestação em apoio ao presidente Jair Bolsonaro na Avenida Paulista, em São Paulo, no último domingo dia 24 de maio exibiu publicamente uma bandeira neonazista. Isso constituiu mais um terrível evento na longa esteira de declarações golpistas e inconstitucionais tanto por parte de membros do governo quanto por parte de seus apoiadores. Trata-se da bandeira do grupo de extrema direita ucraniano Pravii Sektor (Setor Direita) saído do Partido Popular Ucraniano, cujo grupo paramilitar Exército Insurrecional Ucraniano, e diversos grupos associados, tem origens que remontam aos colaboracionistas ucranianos, que se aliaram aos nazistas no extermínio de judeus, poloneses, ciganos, grupos minoritários e opositores políticos.

Durante a invasão nazi-fascista à União Soviética, grupos de fascistas ucranianos juntaram-se ao invasor para realizar o trabalho mais sujo, massacrando civis e servindo como capatazes para os nazistas. Duas das lideranças mais destacadas dentre os colaboracionistas foram Stepan Bandera e Roman Shukhevych, que já eram agentes do III Reich antes da guerra com o objetivo de auxiliar a invasão e ocupação da Ucrânia, e que ordenaram e perpetraram diversos massacres durante a ocupação nazista. Shukhevych foi um dos líderes do Exército Insurrecional Ucraniano, que perpetrou o massacre da Volhynia, e participou pessoalmente do massacre de Khatyn, na Polônia.

Ao que tudo indica, a organização desta passeata está ligada ao acampamento de paramilitares bolsonaristas em Brasília, na praça dos três poderes, e em São Paulo, em frente à Assembléia Legislativa paulista. Sua porta-voz, Sara Winter, pseudônimo adotado por Sara Fernanda Giromini, que ficou famosa nas redes sociais por sua fervorosa militância de extrema direita, empresta o rosto à organização para ocultar os verdadeiros organizadores dos grupos e ações criminosas a que está ligada, que, suspeita-se sejam políticos, empresários e militares aposentados ligados ao governo. Contudo, a orientação suprema destas ações pode estar em organizações

A bandeira de neonazistas ucranianos e o histórico da porta-voz do grupo convergem em converter a militante neoconservadora antifeminista, ela militava agremiação extremista Femen e como integrante deste grupo foi à Ucrânia e participou de atividades em parceria com os grupos neonazistas que tinham organizado as violentas manifestações na praça da Independência, que culminaram com a destituição do então presidente Viktor Yanukovich.

Os mesmos grupos neonazistas atacaram e incendiaram a Casa dos Sindicatos em Odessa em um massacre que vitimou 116 pessoas, entre mortos pelo incêndio e assassinados pelos atacantes. Dentre esses grupos está o infame batalhão Azov, um destacamento do exército ucraniano abertamente nazista e com ligações estreitas com os referidos grupos políticos de extrema-direita. Infelizmente muitas das críticas e análises dos eventos relacionados a grupos paramilitares e grupos neonazistas no Brasil concentram-se na figura já mencionada de Sarah Winter, cuja alcunha adotada é a mesma alcunha da líder da União Britânica dos Fascistas (a original nasceu com o nome Sarah Domville-Taylor), que claramente serve apenas para tirar o foco daquilo que realmente importa, a origem dos movimentos, a fonte do dinheiro e o centro do comando.

Os eventos que desestabilizaram a Ucrânia, posteriormente denominados Euromaidan, especialmente os protestos na Praça da Independência (Kiev) e em Odessa, o aumento da atividade de grupos neonazistas e a ameaça a russófonos na Criméia e no leste do país – em resposta à qual o parlamento da então República Autônoma da Crimeia votou por sair da Ucrânia e depois solicitou seu reingresso na Federação Russa - têm uma ligação bastante forte, ainda que ocultada com muito esmero, com diversos outros eventos de desestabilização política, conflito social ou conflagração militar em outros países: o Centro para Aplicação de Estratégias e Ações Não-Violentas, cuja sigla em inglês é CANVAS (Centre for Applied Non-Violent Action and Strategies), do ativista profissional Srdja Popovic. Essa instituição surgiu a partir profissionalização do grupo Otpor!, criado pelo mesmo ativista na Sérvia no fim dos anos 1990, e, após a atuação em seu país, cresceu rapidamente a passou a atuar em vários países apresentando-se como instrutora para grupos que buscam mudanças políticas e sociais por meios não-violentos.

*A Sputnik Consulting é uma entidade sediada em São Paulo, que trata da aproximação entre empresas e pessoas físicas do Brasil, América Latina, Leste Europeu e Asia Central

Leia a íntegra da matéria em www.horadopovo.com.br

Policiais ajoelham em respeito a Floyd e juntam-se a manifestantes



Em Spokane, no estado de Washington, policiais prestaram homenagem

Diante dos protestos, Trump se escondeu e mandou apagar as luzes na Casa Branca

A Casa Branca ficou às I subterrâneo da Casa Bran- I conselheiros de campanha escuras no domingo, quando a sede de governo norte-americano, como ocorre desde sexta-feira, voltou a ser alvo da indignação dos manifestantes pela enésima repetição do assassinato de um cidadão negro desarmado e algemado por um policial branco racista na segunda-feira passada, enquanto suplicava "não consigo respirar".

No domingo, já eram seis noites de revolta, e Trump se mantinha no maior silêncio, com exceção das tuitadas irresponsáveis incendiárias para jogar gasolina no braseiro, com os protestos já tendo se estendido de costa a costa e com 40 cidades sob toque de toque de recolher.

No domingo, foram milhares os manifestantes que tomaram as ruas da capital dos EUA bradando "Não consigo respirar", "George Floyd", "Parem de matar negros!" e "Sem iustica, sem paz!". apesar da truculência das tropas de choque, repetindo o que acontecia no país inteiro.

BUNKER

Na sexta-feira já tinha sido aquela situação vexatória do presidente dito mais poderoso

ca, cercado de guarda-costas, por causa dos protestos.

No domingo, os holofotes externos que normalmente mantêm a Casa Branca iluminada à noite foram desligados enquanto o presidente Donald Trump permanecia "fora de vista e em silêncio", como registrou o Common Dreams.

O que valeu do jornal chinês Global Times a zombaria de, em editorial, conclamar "não se esconda, mr. Presidente".

Não só dele. A prefeita de Washington, Muriel Bowser, postou que "enquanto ele [Trump] se esconde atrás de sua cerca com medo/sozinho, eu fico com as pessoas que pacificamente exercem sua Primeira Emenda logo após o assassinato de George Floyd".

Para o Common Dreams, "não está claro por que as luzes da Casa Branca foram cortadas, mas os críticos viram o movimento como simbólico da falta de liderança do país durante um momento de tristeza, ira e crise em todo o país".

Por sua vez o New York Times observou que Trump "passou o domin-

estavam recomendando que ele realizasse um discurso televisionado nacionalmente".

Ainda segundo o NYT, o prédio estava ainda mais vazio do que o habitual, pois alguns funcionários da Casa Branca que planejavam trabalhar foram orientados a não vir em caso de agitação renovada."

No sábado, Trump tentara dar a volta por cima, asseverando pelo Twitter que "não poderia ter se sentido mais seguro" e se gabou de que qualquer manifestante que chegasse perto de violar a cerca da Casa Branca "teria sido recebido com os cães mais cruéis, e armas mais sinistras que eu já vi".

Também no domingo, a prefeita Bowser ativou a Guarda Nacional na capital dos EUA e impôs toque de recolher em toda a cidade das 23:00 às 6:00, depois de Floyd, o chefe de políantecipado para as 19:00 a cia Art Acevedo também se partir de segunda-feira.

"Acho que o presidente tem a responsabilidade de acalmar a nação", disse Bowser durante uma coletiva de imprensa na manhã de domingo. "Ele pode comecar não enviando tweets que geram discórdia e feitos

Em Houston, cidade natal de George Floyd, o chefe da polícia também se ajoelhou junto com os manifestantes. Gestos assim se repetiram em NY, Califórnia, Missouri, Oregon, Kentucky e Virginia

m imagens que vêm viralizando nas redes sociais, policiais em muitos locais dos Estados Unidos têm aceitado os pedidos dos manifestantes, que reivindicam que eles também se ajoelhem num gesto de homenagem a George Floyd, o cidadão negro que por mais de 8 minutos foi asfixiado ao ser preso em Minneapolis na semana passada, o que desencadeou a maior onda de revolta contra o racismo no

país em duas décadas. Logo após o assassinato, o ídolo do basquete, LeBron James, havia chamado a atenção para o contraste desses dois atos, o ajoelhar, do jogador de futebol americano Colin Kaepernick, que se tornou símbolo de repúdio ao brutal racismo que segue imperando nos EUA, e o ajoelhar do policial Chauvin, asfixiando um negro, por nada, apenas por matar, um eco de um passado de escravidão, tortura e segregação racial.

FLORIDA

Policiais em Coral Gables, na Flórida, prestaram uma homenagem a Floyd, ajoelhando. Na costa oeste, em Spokane, no estado de Washington, uma fileira de policiais também ajoelhou.

Eles acompanhavam uma manifestação que exi gia justiça e que repetiu o gesto de Colin, com a multidão pedindo aos policiais sua solidariedade.

O pessoal do movimento 'Vidas de Negros Importam' relatou que a princípio os policiais hesitaram, mas o estímulo da multidão foi recompensado e os policiais foram muito aplaudidos e ouviram palavras de agradecimento ditas com emoção.

Policiais começam a se colocar ao lado dos manifestantes contra o racismo

Em Houston, cidade natal aioelhou iunto com os ma-Iowa, Kentucky e Virginia.

Acevedo disse à CNN que deseja fornecer uma escolta policial ao corpo da vítima quando este voltar para a Houston para ser enterrado. "Será muito importante para a nossa cidade trazê-lo de volta para casa", disse Acevedo.

'Queremos garantir que sua família esteja segura, que a mobilização esteja segura", acrescentou. Ele também deplorou a violência policial.

Angela Davis

Também o chefe de polícia de Santa Cruz, na Califórnia, ajoelhou em homenagem a Floyd e em solidariedade com aqueles que, como disse Ângela Davis, acreditam que não basta ser "não-racista", é preciso ser "antirracista".

Na cidade de Nova Iorque, um policial foi visto, no domingo (31) ajoelhado em frente a um coração desenhado em uma parede durante uma manifestação contra o racismo perto da Times Square.

Na segunda maior cidade do estado de Kentucky, Lexington, a mesma cena se repetiu: policiais se ajoelhando, em respeito à dor de tantos diante do racismo, assim como em Portland, maior cidade de Oregon, ou em Ferguson, Missouri.

Em Flint, no estado de Michigan, o xerife e seus agentes marcharam junto com os manifestantes, se declarando "também indignados".

NOVA JERSEY

Em Nova Jersey, no condado de Camden, o delegado Joseph Wysocki e auxiliares marcharam ao lado de moradores no sábado (30), e ajudaram a empunhar uma faixa no protesto contra a brutal morte do cidadão negro.

O ato mereceu elogio do governador do Estado, o democrata Phil Murphy. "Ontem em Nova Jersey, os manifestantes marcharam lado a lado com oficiais da lei, em uma manifestação pacífica contra o racismo esnifestantes. Gestos assim se | trutural e a violência policial. repetiram em Nova Iorque, Nós podemos - precisamos -Califórnia, Missouri, Oregon, | marchar juntos em direção à l justiça", ele postou.

do planeta, Donald Trump, go fora de vista, mesmo para ecoar o passado segreter de correr para o bunker quando alguns de seus gacionista do nosso país." Suécia: 90% dos idosos não são encaminhados para os hospitais e acabam morrendo nos asilos

Citado como "exemplo" i tão somente 343 pessoas i sanitária (IVO) anunciou de combate ao coronavírus por Jair Bolsonaro, a Suécia, "o país que não fechou", tem a mais alta taxa de mortalidade per capita da doença de toda a Europa, sendo que 90% dos seus idosos – setor que concentra a maior parte dos mortos - não foram sequer encaminhados a hospitais e faleceram no próprio asilo. A denúncia foi publicada no dia 21 de maio pelo Sörmlands Media, com base em dados do Conselho Nacional de Saúde e Bem-Estar.

Outro estudo divulgado pela Universidade de Oxford aponta que, até a última terça-feira, das 4.125 mortes causadas pela doença no país nórdico, 3.848 eram de pessoas de mais de 60 anos, que representam 95% dos óbitos por Covid-19. Do total, 65% tinham mais de 80 anos - e cerca de três quartos viviam em asilos, segundo o governo. Porém, apenas 3,9% das pessoas que tiveram acesso a atendimento em Unidades de Terapias Intensivas (UTIs) tinham

acordo com as estatísticas oficiais de terça-feira (26), a Suécia contabiliza 34.440 casos confirmados pela pandemia, dos quais | nio, o órgão de inspeção | www.horadopovo.com.br

mais de 80 anos

estão internadas em UTIs. No levantamento mais recente, da universidade americana Johns Hopkins, o país estaria em sexto lugar no ranking mundial, com uma taxa de mortali-

dade de 39,57 por 100 mil habitantes - quase quatro vezes superior à registrada pelo Brasil (11,21 por 100 mil habitantes). **ABUSOS**

Frente à explosão de denúncias e comprovações de ilegalidades, o governo sueco foi obrigado a recuar e reconhecer o fracasso da sua "estratégia" de não proteger adequadamente seus idosos. Um sem número de documentos explicitou o fracasso de tratamento nos próprios asilos – em vez de encaminhá-los a hospitais e UTIs – e agir com cuidados paliativos (de fim de vida) no lugar de tratamentos: e a orientar a não administração de oxigênio, mesmo nas manifestações mais extremas da doenca.

Em seus casos mais graves, um dos principais sintomas da Covid-19 é precisamente a falta de ar. Após receber 317 notificações sobre falhas na administração de oxigê-

na quarta-feira que irá investigar as condições das instituições de longa permanência de idosos. "Temos recebido sinais de que os idosos não têm tido acesso a tratamento com oxigênio, que faz parte das recomendações para tratamento paliativo do Conselho Nacional de Saúde e Bem-Estar", afirmou a diretora-geral do IVO, Sofia Wallström, frisando que "todos têm direito a receber o cuidado de que precisam, seja paliativo ou de outro tipo"

Outra estatística, publicada no dia 21 de maio pelo Sörmlands Media, com base em dados do Conselho Nacional de Saúde e Bem -Estar, indicou que 90% dos idosos não foram encaminhados a hospitais – mas morreram no próprio asilo. Um documento interno do Hospital Universitário Karolinska, com objetivo de orientar os chefes de UTIs na tomada de decisão durante a pandemia, estipulou que pessoas com mais de 80 anos, bem como pessoas entre 60 anos e 80 anos com múltiplas doenças, não deveriam receber prioridade para terapia intensiva.

Leia a íntegra do texto em

Jornalista negro da CNN é preso ao cobrir levante em Minneapolis Cresce nos EUA o repúdio à neapolis exigindo justiça racial, prisão, por policiais da tropa de choque de Minneapolis, na manhã de sexta-feira (29), de um jornalista negro da CNN, que

fazia uma reportagem sobre os protestos contra o assassinato sob custódia do cidadão George Floyd e a tensa situação na cidade, que é a maior do estado O jornalista Omar Jimenez e toda sua equipe de filmagem foram presos e

algemados no meio da rua. Jimenez havia, educadamente, perguntado aos policiais onde gostariam que ele ficasse, sendo então abordado por dois policiais por trás, algemado e levado embora.

Os policiais não responderam às repetidas indagações de Jimenez de por que estava sendo preso.

"Nunca vi nada assim" disse do estúdio o âncora da CNN John Berman — enquanto as prisões arbitrárias eram exibidas em rede nacional ao vivo.

No frenesi da truculência, os policiais não se deram conta de que o operador da câmera, apesar de também ser algemado, manteve-a funcionando e gravando tudo.

O governador de Minnesota, Tim Walz, pediu desculpas pela prisão da equipe da CNN, classificando-a como "totalmente inaceitável'

A maior entidade norte-americana de defesa das liberdades democráticas, a ACLU, rechaçou as prisões arbitrárias, destacando que "jornalistas jamais devem ser presos neste país por fazerem seu trabalho".

A ACLU apontou que "as

e o público tem o direito de ver". "A transparência pública é absolutamente necessária para a responsabilização policial", acrescentou. A deputada federal demo-

crata por Minnesota, Ilhan Omar,chamou de "ultrajante" a detenção dos jornalistas, acrescentando que esse tipo de coisa "não ajuda" a pacificar a revolta que ocorre na maior cidade do estado da região dos lagos. Jimenez e a equipe de re-

portagem da CNN foram liberados da custódia cerca de uma hora após e fez no ar um relato do incidente.

O advogado Midwin Charles como registrou o Common Dreams – expôs pelo Twitter todo absurdo do que está ocorrendo em Minneapolis: "Eles prenderam um repórter da CNN e uma equipe de filmagem por reportar a notícia, mas não Derek Chauvin, o policial que matou George Floyd diante da câmera". A prisão de Chauvin só viria a acontecer horas depois, nesta sexta-feira (29), quatro dias após o crime.

Como exigem os manifestantes, "sem justiça, sem paz". Enquanto não for decretada a prisão do policial assassino, fica difícil que os ânimos venham a serenar em Minnesota

e outras paragens dos EUA. Declarações do procuradorgeral do condado onde fica Minneapolis, Mike Freeman, dizendo que "há outra evidência que não suporta uma acusação criminal" e que "não se apressará" no caso – mesmo depois do prefeito Jacob Frey cobrar a prisão do policial Chauvin – só levam a mais revolta.

Leia mais em pessoas estão nas ruas de Min- | www.horadopovo.com.br

A República e a formação do caráter nacional - (8)

Continuação da edição anterior

Como, depois das trincheiras, da cólera, da varíola, do sangue vertido no Paraguai, de volta ao Brasil. suportar aquelas tergiversações da monarquia, que eram um modo de não sair do mesmo lugar, aquela miséria e ignorância, misturadas a uma distribuição de títulos de nobreza inventados, quase todos perfeitamente ridículos, jogados "no avanço", como doces para crianças no dia de São Cosme e São Damião? Como aceitar a escravidão depois da guerra, onde a vida de um dependia do outro – fosse negro, branco, índio, mulato ou caboclo?

CARLOS LOPES

m historiador repu- | de seus superiores'. blicano sintetizou a após a quebra econômica de 1864 e o início da Guerra do Paraguai:

"A crise comercial e agrícola, a baixa do câmbio, a falta de dinheiro, que converte o apóstolo aurista saquarema em papelista, a trocá-la, a vil moeda, por ouro enriquecedor de nossos aliados na guerra, por sua vez intérmina e desanimadora até ao capricho da exterminação do ditador paraguaio, de modo a abrir os ergástulos da paz podre aos condenados, a quem se pedia patriotismo, pedido também aos irmãos escravos, que se libertavam; os matutos algemados e mandados para os matadouros do Paraguai, e uma perseguição política jamais vista, com que os saquaremas agravavam o terror interno; — todos esses cataclismos iam refundir a nação" (cf. Austricliano de Carvalho, "Brasil Colonia e Brasil Imperio", Tomo II, Rio, 1927, p. 564).

Iriam refundi-la, quase refundá-la. Deodoro não estava errado – nem fazendo blague, o que não era de seu estilo ao atribuir sua trajetória a Solano López ("... só tive um protetor – Solano López; devo a ele, que provocou a guerra do Paraguai, a minha carreira"). O sequestro do presidente de Mato Grosso, coronel Frederico Carneiro de Campos, e a invasão do Brasil, logo em seguida, tiveram como consequência, pela primeira vez desde a Independência, que brasileiros de **todas** as partes do país – e de todas as nossas cores humanas – estivessem juntos, para viver ou para morrer.

E isso o que lembra Manuel Querino (o modelo de Jorge Amado para o Pedro Archanjo, de "Tenda dos Milagres").

Querino, ele próprio um veterano da Guerra do Paraguai, cita, em "Os homens de cor preta na história", incluído em um de seus livros mais importantes, alguns dos que lá se destacaram por sua coragem, por seu heroísmo.

Por exemplo: **JOSÉ SOARES CUPIM**

"Seguiu para a campanha de Paraguai, como segundo cadete-sargento, na primeira companhia de 'Zuavos Baianos'. Ali se portou com patriotismo e valor nunca desmentidos pelo povo baiano, em defesa dos brios nacionais. Era sempre preferido para comissões de reconhecimento, nas avançadas do corpo do Exército em que servia.

"Certa ocasião, exasperou-se com a incumbência e bradou: 'Porventura sou eu a fera do Exército destinada às posições mais arriscadas?'. 'Não', respondeu-lhe o ajudante do Quartel-General, que lhe transmitira a ordem, Vossa senhoria é um oficial de valor provado no campo de batalha. Daí, a confiança

 $"Foi\ elogiado\ diversas\ vezes$ situação do Brasil em ordem do dia, pela correção com que se portava nos ataques. Obteve a patente de capitão conquistada por acessos, as medalhas do Exército brasileiro e argentino e o diploma de cavalheiro da Ordem de Cristo.

"Faleceu, terminada a campanha, já de volta á terra natal" (cf. Manuel Querino, "A Raça Africana e os Seus Costumes", Progresso, Salvador, 1955, p. 168).

Ou:

MARCOLINO JOSÉ DIAS

"Declarada a guerra do Paraguai, tinha o posto de sargento num dos batalhões da Guarda Nacional. Organizou a segunda companhia de 'Zuavos Baianos' e seguiu para a campanha como tenente comandante da dita companhia.

"Foi sempre elogiado por seus superiores pelo sangue frio e bravura com que se portava nos combates. Nestas condições, coube-lhe a glória de fincar o pavilhão brasileiro na tomada do forte de Curuzu, em 3 de Setembro de 1866, bradando com entusiasmo: ESTÁ AQUI O NEGRO ZU-AVO BAIANO'.

"Obteve por essa ocasião a patente de capitao e o titulo de cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, a mais nobre do império" (idem, pp. 169-170, maiúsculas no original).

O Exército acabara com unidades segregadas - isto é, compostas somente por negros ou somente por brancos - em 1831. Abolira até mesmo a informação "cor" em seus registros, para dificultar a identificação de escravos que fugiam e se tornavam soldados. Essa política levou ao fim da unidade dos Zuavos Baianos, que foram, em seguida, designados para outras unidades.

Então, como, depois das trincheiras, da cólera, da varíola, do sangue vertido no Paraguai, de volta ao Brasil, suportar aquelas tergiversações da monarquia, que eram um modo de não sair do mesmo lugar, aquela miséria e ignorância, misturadas a uma distribuição de títulos de nobreza inventados, quase todos perfeitamente ridículos, jogados "no avanço", como doces para crianças no dia de São Cosme e São Damião?

Como aceitar a escravidão depois da guerra, onde a vida de um dependia do outro fosse negro, branco, índio mulato ou caboclo?

Os 19 anos que vão do final da Guerra do Paraguai até a Proclamação da República, são, assim, anos de agonia insuportavelmente lenta da monarquia - mas, também, anos em que se desenvolve, como nunca, o nosso caráter nacional, exatamente pela luta contra a monarquia e a sua base, a escravidão.

Tem-se a impressão muitas vezes, lendo os debates parlamentares dessa época, que o arcabouço político-jurídico do | quinhentas peças de caça miú-



Esta é a nona página do cardápio servido no Baile da Ilha Fiscal. Ao todo, o cardápio tem 13 páginas (Arquivo Nacional)

país deixou de ter relação com a realidade.

Machado de Assis, em seu comentário, hoje bastante citado, no "Diário do Rio de Janeiro", escreveu:

"Não é desprezo pelo que é nosso, não é desdém pelo meu país. O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco."

Entretanto, esse comentário foi publicado em dezembro de 1861. Antes, portanto, da "quebra do Souto" (1864) e da Guerra do Paraguai (1864-1870).

Depois disso, tudo se tornara muito mais estranho, mais absurdo, no "país oficial".

Geralmente se apresenta, como exemplo da falta de vínculo com a realidade, a que chegou a monarquia, o famoso baile da ilha Fiscal, celebrado a 9 de novembro de 1889, oficialmente em homenagem aos oficiais chilenos do navio "Almirante Cochrane".

O que é justo. Basta consultar o que foi servido nessa festa:

"três mil sopas de vinte e duas qualidades, cinquenta peixes grandes, oitocentas latas de lagosta, oitocentos quilos de camarões, cem latas de salmão, três mil latas de ervilhas, mil e duzentas de aspargos, quatrocentas saladas diferentes, duzentas maioneses, oitocentas latas de trufas, doze mil frituras, três mil e

da, mil e quinhentas costeletas de carneiro, mil e trezentos frangos, duzentas e cinquenta galinhas, quinhentos perus. oitocentos inhambus, cinquenta macucos, trezentos presuntos, sessenta e quatro faisões, oitenta marrecos, doze cabritos, seiscentas galantinas, trezentos pudins, oitocentos pratos de pastelaria, quatrocentos pratos de doces, quatrocentos pratos de fios de ovos, quinhentas gelatinas, vinte mil sanduíches, quatorze mil sorvetes, – tudo isso regado por dez mil litros de cerveja, vinte caixas de vinho branco, oito caixas de Moscatel, quarenta caixas de Bordeaux, trinta de Borgonha, vinte de Madeira, sessenta de Porto, oitenta de champanha, dez de Tokay, dez de vermute, oito de licores, oito de conhaque e cem de águas minerais" (cf. Raimundo Magalhães Júnior, "Deodoro, a Espada Contra o Império". Vol. II, CEN, 1957, p. 42).

O cardápio distribuído aos participantes era uma obra suntuosa com 13 páginas (v. o cardápio da ilha Fiscal, na Biblioteca Nacional).

Tudo isso foi publicado pelos jornais em uma "época de vida dura para o povo e de salários miseráveis, que podem ser perfeitamente avaliados pelo ínfimo soldo dos militares. 'Um soldado, - dizia, em editorial, o 'Correio do Povo', – tem o soldo diário de 120 réis! Um voluntário tem a gratificação de 60 réis. Um sargento de infantaria tem o soldo diário de 110 réis quando engajado e 55 réis quando voluntário!' A situação da tropa era de penúria e a da própria oficialidade não era de abastança" (idem).

Quando o desrespeito é

muito grande, ele fica na memória – inclusive das gerações futuras. Sobretudo quando o castigo também já chegou. Quase 80 anos depois, Dona Ivone Lara, Silas de Oliveira e Bacalhau terminariam o samba-enredo da Império Serrano ("Cinco Bailes da História do Rio") com os versos:

Ao erguer a minha taça Com euforia Brindei aquela linda valsa Já no amanhecer do dia A suntuosidade me acenava E alegremente sorria Algo acontecia Era o fim da monarquia

No palácio da ilha Fiscal, recém reformado, *"alguns* vitrais traziam a imagem de Isabel como imperatriz do Terceiro Reinado" (cf. Mary del Priore, "O Castelo de Papel", Rocco, 2013).

Como sabem os leitores, na mesma noite em que foi realizado o baile na ilha Fiscal, Benjamin Constant, substituindo Deodoro, que estava acamado, reuniu a oficialidade republicana no Clube Militar.

Depois, no seu ataque à República, publicado no exílio, o então presidente do Conselho de Ministros, Afonso Celso, visconde de Ouro Preto, disse que foi informado sobre a reunião da oficialidade. Quanto ao baile, ele não faz comentário, mas diz que "Sua Alteza Imperial" – a princesa Isabel - iria oferecer um jantar aos oficiais chilenos. Mas esse jantar, marcado para o dia 17, não aconteceu, pois a República foi proclamada no dia 15. Ouro Preto esqueceu rapidamente sua participação no baile da ilha Fiscal, oferecido por ele no dia 9, em nome do governo,



com a ideia estúpida de que a ostentação alucinada reforçaria a monarquia, por mostrar o seu poder (v. visconde de Ouro Preto, "Advento da Dictadura Militar no Brazil", Imprimerie F. Pichon, Paris, 1891).

Porém, não é somente nesse terreno – a insensibilidade à miséria do povo, no momento em que, inclusive, uma parte dele acabara de sair da escravidão - que se manifestava o mundo paralelo da monarquia, aquele que somente no infinito (talvez) se encontrava com o mundo real.

Existe algo mais fora da realidade do que a dissolução da Câmara em 15 junho de 1889, a convocação de eleições para 31 de agosto, e a vitória (evidentemente) do Gabinete Ouro Preto, que elegeu 130 deputados contra 9 da oposição – e, entre estes, apenas 2 republicanos?

Essas eleições, somente para frisar, ocorreram dois meses e meio antes da Proclamação da República, quando, então, ninguém, absolutamente ninguém, apareceu para defender a monarquia - nem mesmo o barão de Ladário, o único ferido no dia 15 de novembro, mas não porque estivesse defendendo a monarquia; apenas, não queria ser preso.

O sistema eleitoral havia descolado completamente da realidade; seu resultado já não era mais uma representação de qualquer parcela da sociedade, seja lá em que grau fosse essa representação. Era apenas o excremento da cabala liberal.

O que era percebido, inteiramente, pelos republicanos. Por exemplo, o então principal redator do "Diário

de Notícias": "Os governos, entre nós, vivem das aparências, em tudo. O próprio sistema político, que nos rege, na sua realidade prática, é apenas um regimen de fórmulas convencionais sem expressão, sem sinceridade, sem vida. Uma impostura de constitucionalismo abriga o arbítrio imperial. Um aparato de normas parlamentares dissimula a tirania violenta, ou corruptora, exercida sobre as funções representativas do eleitorado. Uma hipocrisia de governo de gabinete assegura, em vez da ação política dos partidos sobre a coroa a benefício do país, a exploração dos partidos pela coroa em proveito da corte. Simulacros de programas traduzem, não as condições ditadas por correntes de opinião popular ao poder moderador, mas encenações de conchavos entre o poder moderador e as ambições dos caudilhos políticos. Tudo se acha invertido sob exterioridades especiosas. Não admira, pois, que o ministério evocado por el-rei para salvar a monarquia das grandes águas republicanas, triunfe satisfeito, delirante, inebriado ante a vitória" (Rui Barbosa, *"A Eleição"*, in Queda do Império, O.C.,

vol. XVI, t. 5, p. 95). Continua no site e na próxi-